

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

“SOBRE NOSSOS ESCOMBROS ELEVOU-SE O AFRICANO”: BAUDRY
DES LOZIÈRES E SUA DEFESA DO COLONIALISMO ESCRAVOCRATA
EM *LES ÉGAREMENTS DU NIGROPHILISME*. (1802)

Nelson Veras de Sousa Junior

Brasília - DF

2022

NELSON VERAS DE SOUSA JUNIOR

“SOBRE NOSSOS ESCOMBROS ELEVOU-SE O AFRICANO”: BAUDRY
DES LOZIÈRES E SUA DEFESA DO COLONIALISMO ESCRAVOCRATA
EM *LES ÉGAREMENTS DU NIGROPHILISME* (1802).

Nelson Veras de Sousa Junior

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito básico para a conclusão da licenciatura no
Departamento de História.

Orientador: Daniel Gomes de Carvalho

Brasília - DF

2022

RESUMO

Les Égarements du Nigrophilisme foi um livro publicado na França em 1802 com o objetivo de angariar apoio no país à causa dos colonos despojados pela Revolução Haitiana (1791-1804). Além de tentar reabilitar a imagem desta classe, o livro também reuniu uma série de argumentos favoráveis à restauração da escravidão no Império Francês, o que se concretizou pouco tempo depois. Seu autor foi Louis-Narcisse Baudry des Lozières (1751-1841), um militar e advogado parisiense que construiu uma carreira intelectual focada em temas coloniais ao longo dos dezesseis anos que viveu em Saint-Domingue, nome então dado ao atual Haiti. Isso e sua conexão familiar com Moreau de Saint-Méry (1750-1819), seu cunhado, lhe renderam a privilegiada posição de historiógrafo no ministério da marinha e das colônias, no âmbito da qual publicou suas principais obras. O significativo poder arquivístico que ele acumulou nesse período serve de contraste com o esquecimento em torno de seu legado pessoal e intelectual, algo que o trabalho buscará analisar sob a ótica do silenciamento desenvolvida por Michel Trouillot.

Palavras-Chave: 1. Revolução Haitiana; 2. Revolução Francesa; 3. *Les Égarements du Nigrophilisme*; 4. Baudry des Lozières; 5. Moreau de Saint-Méry.

ABSTRACT

Les Égaremens du Nigrophilisme was a book published in France in 1802 with the objective of gathering support in the country for the cause of the colonists dispossessed by the Haitian Revolution (1791-1804). Besides trying to rehabilitate the image of this class, the book also compiled a series of arguments favorable to the restoration of slavery in the French Empire, which came to fruition shortly after. Its author was Louis-Narcisse Baudry des Lozières (1751-1841), a Parisian military man and lawyer who built an intellectual career focused on colonial issues over the sixteen years he lived in Saint-Domingue, the name then given to present-day Haiti. This and his familiar connection with Moreau de Saint-Méry (1750-1819), his brother-in-law, earned him the privileged position of historiographer in the ministry of the navy and colonies, within which he published his main works. The significant archival power he accumulated in this period serves as a contrast to the oblivion surrounding his personal and intellectual legacy, something that the work will seek to analyze from the perspective of Silencing developed by Michel Trouillot.

Keywords: 1. Haitian Revolution; 2. French Revolution; 3. *Les Égaremens du Nigrophilisme*; 4. Baudry des Lozières; 5. Moreau de Saint-Méry.

AGRADECIMENTOS

Depois de tantos anos na universidade e já tendo passado pelos processos de escrita de uma monografia e uma dissertação de mestrado, imaginei que a elaboração de um novo trabalho de conclusão de curso de alguma forma se tornaria mais fácil. Para minha surpresa, não se tornou. A experiência em pesquisa e escrita adquirida anteriormente sem dúvida me ajudou a evitar vários erros e a pular ou acelerar vários processos, mas ao mesmo tempo ela também me deu conhecimento, autoconfiança e fôlego para me engajar em desafios e ambições maiores. E tenho muitas pessoas a agradecer por isso.

Primeiro, àquelas que tiveram que lidar diretamente com o longo e exaustivo processo de construção deste trabalho: minha mãe, Edna, pelo incessante apoio material sem o qual nada disso seria possível; e minha namorada, Bianca, que mesmo chegando lá pela metade do processo já foi essencial com sua companhia, paciência, apoio moral, amor e confiança na minha capacidade. Imagine só viver a provação de até hoje não ter conhecido o próprio namorado sem um TCC para finalizar. Espero que ela não se decepcione quando conhecer minha versão com a mente desocupada. Por fim, agradeço também aos diversos amigos que tiveram de lidar com minha ausência e indisponibilidade por mais tempo do que eu gostaria.

Deixo meu agradecimento especial aos professores do departamento de História que me auxiliaram no processo de adaptação a uma área ainda nova para mim, além de provarem a grande qualidade do corpo docente da Universidade de Brasília. Destaco aqui os professores Luiz Paulo Ferreira Nogueira, a quem sempre serei grato por inspirar e estimular minha primeira curiosidade acerca da temática do Haiti; e Daniel Gomes de Carvalho, por me introduzir aos fascinantes debates metodológicos da História e por aceitar me orientar em um tema que eu ainda tinha pouca familiaridade. Também sou particularmente grato aos professores Estevam Thompson, André Cabral Honor, Leandro Duarte Rust, Ione de Fátima Oliveira, Sérgio Ricardo Coutinho, André de Melo Araújo, Ana Flavia Magalhães Pinto e José Otávio Nogueira Guimarães pela ótima experiência que tive em suas respectivas matérias. Lamento não ter tido a oportunidade de conhecer a maioria pessoalmente.

Agradeço finalmente aos professores da banca examinadora pela disponibilidade e eventuais contribuições que prestarão a este trabalho. Por mais experiente que eu possa parecer, esta ainda foi a primeira vez que me senti fazendo um verdadeiro trabalho de historiador. Mesmo com todas suas limitações e imperfeições conhecidas e que ainda descobrirei, ainda foi uma pesquisa muito satisfatória de fazer. Só espero que sua leitura proporcione o mesmo gosto.

INTRODUÇÃO

Entre 1796 e 1798, Médéric Louis Élie Moreau de Saint-Méry (1750-1819) publica nos Estados Unidos sua célebre *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'isle Saint-Domingue*. Foi a obra mais extensa e bem fundamentada a ser produzida até então sobre a colônia francesa de Saint-Domingue¹, atual Haiti. Ela constitui também uma das principais fontes a ser consultada pelos pesquisadores da região no período pré-revolucionário. Como o longo título sugere, o texto reúne uma grande quantidade de dados e informações sobre a colônia, tendo por objetivo suprir o que o autor via como uma falta geral de conhecimento nos dois lados do Atlântico sobre o Caribe e suas colônias, especialmente entre quem as administrava.

Notável por si só como personagem histórico em sua carreira política metropolitana nos anos da Revolução Francesa, Moreau, por meio de sua *Description*, conquistou também a proeza de “eternizar-se” como fonte histórica de considerável autoridade em Saint-Domingue. Durante um momento crítico, no entanto, o andamento de sua extensa pesquisa correu o risco de ser subitamente abortado em 1793, quando Moreau se viu obrigado a fugir às pressas da França para evitar sua prisão, abandonando no processo o conjunto de seus documentos, manuscritos e anotações. Ainda que o autor e seus materiais eventualmente tenham se reunido na cidade da Filadélfia, eles poderiam facilmente ter sido destruídos, danificados ou perdidos no tumulto da fuga e no posterior trajeto de navio pelo Atlântico².

A marcante e, neste aspecto mencionado, sortuda trajetória acadêmica de Moreau serve de contraste para uma outra que em diversos aspectos foi bastante próxima à sua. No entanto, trata-se de uma trajetória muito mais obscura, especialmente conforme nos afastamos temporalmente dela. Louis-Narcisse Baudry des Lozières (1751-1841)³, cunhado de Moreau e o objeto desta pesquisa⁴, não apenas tentou produzir seu próprio compêndio

¹ Saint-Domingue é o termo que será utilizado ao longo do trabalho para se referir à colônia francesa na parcela ocidental da ilha de Hispaniola antes da independência haitiana. Em razão da profusão e do uso histórico altamente intercambiável de nomenclaturas semelhantes para designar coisas diferentes com relação à ilha, este trabalho utilizará as variações linguísticas a seu favor para melhor diferenciá-las. Evitam-se assim quaisquer confusões com a colônia espanhola de Santo Domingo e sua capital de mesmo nome, ou com os diferentes significados do termo português “São Domingos”, que historicamente acabou sendo utilizado sem distinção para se referir à parte francesa, à espanhola, à cidade e também à ilha inteira.

² DUBOIS, Laurent. *Avengers of the New World: the story of the Haitian Revolution*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2004, p. 8 e 11.

³ A grafia deste último nome muitas vezes aparece nas fontes primárias e secundárias também como Deslozières. Mesmo entre as obras publicadas por Baudry pode-se encontrar o uso alternado das duas grafias. Seguindo a tendência de autores mais recentes, este trabalho optou pelo uso da grafia separada.

⁴ A ideia desta pesquisa originou-se de uma passagem de um trabalho recente de Jeremy Popkin, no qual ele faz referência a uma profusão de textos racistas na França no contexto da Independência do Haiti, em 1804. Disso, levantou-se uma hipótese de trabalho maior (da qual este trabalho é uma pequena parte), de que parte do racismo novecentista constrói-se em resposta à Revolução Haitiana. Sobre isso, ver POPKIN, Jeremy. *A New*

sobre as colônias como também acompanhou de perto o processo de pesquisa, escrita e publicação da *Description* graças aos estreitos laços que existiam entre os dois autores⁵. Seu trabalho possuía um escopo igualmente ambicioso e, em conformidade a isso, seria intitulado *Encyclopédie Coloniale*. Porém, durante outro momento crítico, em 1792, Baudry não teve a mesma sorte. A maior parte da sua pesquisa acabou destruída junto com sua propriedade durante a agitação revolucionária em Saint-Domingue, pouco antes dele também se exilar da colônia com sua família, primeiro na França, depois nos Estados Unidos.

Baudry afirma com bastante amargor que o trabalho perdido foi resultado de um esforço intelectual construído ao longo de 18 anos, sendo suficiente para ocupar 24 a 25 volumes em quarto caso fossem concluídos e publicados. Os resquícios de tal projeto enciclopédico terminaram diluídos em uma série de outras obras baseadas na memória do autor. Algumas de suas ideias possivelmente tiveram de ser reiniciadas do zero, ao passo que outras podem ter sido abandonadas por completo por falta de disposição ou de meios para consultar e reobter as informações perdidas. Seu livro *Les Égarements du Nigrophilisme*, de longe a mais interessante de suas publicações, pode ser encarado como parte deste esforço de resgate e reconstrução de uma obra de vida perdida. Ele está repleto de reflexões secundárias sobre assuntos diversos do passado e do futuro da colônia e do empreendimento colonial francês como um todo.

Apesar de apresentar diversas semelhanças com *Description*, os dois autores possuem abordagens distintas. Moreau faz uma recusa consciente de descrever as condições presentes da colônia e tocar em qualquer tema relativo à Revolução em curso na ilha, com seu recorte temporal indo dos primórdios pré-colombianos até 1789. Contra críticas de que ele havia produzido um livro inútil e melancólico sobre uma sociedade sob o risco de desaparecer, Moreau assegura que seu retrato de uma realidade pré-revolucionária congelada no tempo seria importante para ajudar a restaurá-la em Saint-Domingue assim que possível. Baudry, em contrapartida, não se esquiva de ter o presente imediato como temática central de seu livro, expondo também suas muitas sugestões para o futuro da colônia depois da esperada vitória francesa⁶. Seus objetivos, afinal, ainda eram bastante caros à atualidade de sua publicação:

World Begins: The History of the French Revolution. Hachette UK, 2019 e CARVALHO, Daniel Gomes de. Revolução Francesa. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

⁵ JOHNSON, Sara E. “Your mother gave birth to a pig”: Power, Abuse, and Planter Linguistics in Baudry des Lozières’ *Vocabulaire Congo*. *Early American Studies: An Interdisciplinary Journal*. Vol. 16, No. 1, pp. 7-40, 2018, p. 15.

⁶ IANNINI, Christopher P. *Fatal Revolutions: Natural History, West Indian Slavery, and the Routes of American Literature*. Williamsburg: University of North Carolina Press, 2012, p. 245, 246 e 268.

denunciar o abolicionismo e grupos como a *Société des Amis des Noirs*, assim como defender a memória dos colonos massacrados e a causa daqueles que sobreviveram.

E a primeira reivindicação que estes últimos tinham para o novo governo francês sob Napoleão (que tornou-se cônsul em 1799 e imperador em 1804) foi a reconquista da colônia das mãos dos revolucionários negros, para em seguida restaurar a escravidão sob a qual se baseou sua incrível prosperidade. À luz de todos os reveses sofridos nos anos anteriores por grupos escravocratas como o *Club Massiac*⁷, fundado em outubro de 1789, esses feitos não poderiam ocorrer facilmente sem um esforço de articulação e convencimento da opinião pública de que os ataques do passado à escravidão e seus agentes constituíram um erro. Para além disso, havia também a necessidade de recolocar as pessoas de ascendência africana numa categoria de nulidade política, facilitando assim a deslegitimação de suas causas como um lamentável tumulto incitado por agentes externos, e por fim o retorno de um sistema de hierarquia racial.

A obra de Baudry, juntamente com a de vários outros ex-latifundiários exilados de Saint-Domingue, representou uma contribuição direta e consciente para tal esforço. Afinal, mais do que uma manifestação da perda pessoal no esforço da propagação de conhecimento, *Les Égarements* também representa o sentimento geral de uma classe social despojada de seu poder político e econômico do dia para a noite. À data de sua publicação, a massiva expedição militar enviada por Napoleão para “pacificar” a colônia já cruzava o oceano, e Baudry, ciente de seus verdadeiros desígnios graças a sua posição ministerial, manifesta constantemente sua fé no sucesso dela, compartilhada praticamente por todo o ocidente⁸. Boa parte de suas propostas feitas no livro, por exemplo, consistem em reformas legais para o restauro e o reforço da instituição escravista e do domínio colonial francês nas Américas em um eventual futuro pós-revolucionário.

A compreensão das posições defendidas neste livro em suas nuances é não somente facilitada como potencializada pelo entendimento da trajetória de vida de seu autor, que possui o hábito de injetar elementos autobiográficos mesmo em suas análises políticas e históricas mais sérias. Seu estudo pode oferecer uma perspectiva útil das crenças e ideias que

⁷ Conhecido por esse nome por reunirem-se no hotel de Massiac em Paris, essa agremiação política reuniu colonos e comerciantes envolvidos na produção de *commodities* e no tráfico de escravos. No início da revolução francesa, seus principais objetivos eram aumentar a autonomia das elites coloniais perante a metrópole, impedir que a Assembleia Constituinte interferisse nas leis de Saint-Domingue e, principalmente, defender a instituição da escravidão das reformas propostas por grupos como a *Société des Amis des Noirs* (Liébart, 2008, p. 32 e 34).

⁸ TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press, 1995, p. 94.

ele seguiu e propagou. Este trabalho compartilha, portanto, a crença de Robert Darnton (2012) de que:

Evidentemente, a biografia - ou prosopografia, como a biografia coletiva às vezes é chamada - não pode substituir a análise de eventos e ideologias, mas o estudo das carreiras pessoais pode ajudar a explicar como os acontecimentos foram vivenciados e as ideologias exprimidas⁹.

Para uma figura tão pouco mencionada mesmo entre os estudiosos das revoluções francesa e haitiana, Baudry teve uma vida relativamente bem documentada. Em especial no que tange aos quase vinte anos vividos na colônia de Saint-Domingue. Além de breves aparições nos jornais locais, da documentação relacionada ao *Cercle des Philadelphes* e dos detalhes e informações fornecidos sobre si mesmo em suas próprias obras e memórias, a principal fonte contemporânea sobre sua vida foi o livro *Précis Historique sur le Régiment de Crête, Dragons; suivi d'une notice sur la vie militaire, politique et privée de M. Baudry-Deslozières, Colonel-Inspecteur dudit Régiment*, publicado em 1804. Seu autor foi Gabriel Chastenet d'Esterre, amigo próximo de Baudry e proprietário de terras na mesma região de Leogane onde ele residiu entre 1788 e 1792. Também foi capitão e um dos sobreviventes do regimento comandado por ele.

Em seu livro, Chastenet narra a vida de Baudry em considerável detalhe até 1793, privilegiando a narrativa dos fatos relacionados à falange de *Crête-Dragons*. O período em que Baudry comandou a defesa das montanhas de Leogane contra diversos grupos de insurgentes é sem dúvida o mais bem documentado da sua vida, sendo alguns anos antes também o tema de um panfleto não-assinado de 1790, intitulado *Coup D'oeil sur la conduite Patriotique et Militaire de la Phalange de Crête-Dragons*. No entanto, deve-se agir com precaução diante das informações destas duas fontes, visto que a escrita de Chastenet em *Précis Historique* tem um forte tom de homenagem e o *Coup D'oeil*, que é tão elogioso quanto, muito provavelmente foi escrito pelo próprio Baudry, ou ao menos sob influência próxima dele¹⁰.

No momento em que abandonou Saint-Domingue, Baudry des Lozières tinha 41 anos e mais da metade de sua vida pela frente. Ainda lhe aguardavam no futuro também as publicações do que seriam suas maiores obras em termos de tiragem e de leitores, assim como uma posição profissional mais próxima do poder do que ele jamais esteve

⁹ DARNTON, Robert. *O diabo na água benta. Ou a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 298.

¹⁰ DEPRÉAUX, Albert. Le Commandant Baudry des Lozières et la Phalange de Crête-Dragons (Saint-Domingue, 1789-1792) in SOCIÉTÉ DE L'HISTOIRE DE LES COLONIES FRANÇAISES, *Revue de L'Histoire des Colonies Françaises*. Paris: Éditions Leroux, 1924.

anteriormente. No entanto, tais fatores são contrastados por uma significativa redução de suas aparições nas fontes, com lacunas temporais cada vez maiores entre si conforme avançamos para o século XIX, especialmente após 1809.

Alguns poucos historiadores se debruçaram, em sua maioria de forma incidental¹¹, sobre sua vida e sua criação intelectual no decênio 1792-1802. Dentre eles, destaco Albert Depréaux (1924) por seu estudo do regimento *Crête-Dragons*, James Sweet (2017) e Sara E. Johnson (2018) por suas análises do dicionário *kikongo*, e James E. McClellan III (2010) e Christopher Iannini (2012) por suas pesquisas acerca do *Cercle des Philadelphes*. Ainda assim, muito pouco foi escrito acerca do impacto de tais publicações ou sobre os rumos da vida pessoal, profissional e intelectual de Baudry depois delas. À luz desta intrigante escassez historiográfica, o relato de suas últimas décadas será muito mais breve e fragmentário do que o de suas primeiras. Este se baseará em algumas aparições nos registros burocráticos do governo francês, notícias de jornais e, principalmente, em quatro notas biográficas pontuais contidas em um nobiliário, nos anais da marinha francesa e nas chamadas biografias universais, ou dicionários históricos de personalidades francesas notáveis.

Por fim, o duplo legado de Baudry será analisado a partir da teoria desenvolvida pelo antropólogo haitiano Michel-Rolph Trouillot acerca da influência do poder na produção da História e dos silenciamentos conscientes e inconscientes que resultam dela. Não podemos perder de vista que Baudry tentou firmar-se na História em duas dimensões: como narrador e como ator. Tal análise será fundamental para responder a principal questão deste trabalho: como alguém com tanto poder arquivístico como teve Baudry acabou com sua obra e trajetória tão esquecidas? A hipótese com que trabalharemos será a de que ele falhou em se estabelecer historicamente em ambas as dimensões. Porém, é importante notar que o fracasso como narrador foi muito menor do que o como ator.

Como se sabe, nem Baudry nem Moreau tiveram sucesso em seu desejo de restaurar Saint-Domingue. Mas, deixando de lado qualquer valor literário e estilístico, o enfoque no passado de Moreau por si só acabou se mostrando muito mais útil e em demanda para a posteridade do que os diagnósticos de Baudry feitos no calor dos eventos e suas proposições para um futuro que nunca se concretizou. Seus atos e obras podem ser raramente lembrados atualmente ou nas décadas que os seguiram, mas é importante estabelecer que até hoje sentem-se os efeitos dos silenciamentos que ele e seu livro ajudaram a estabelecer em torno

¹¹ A única exceção de que tenho notícia até a escrita deste trabalho é um artigo de 2003 escrito pelo historiador Claude Wanquet, intitulado “*Un réquisitoire contre l’abolition de l’esclavage: Les égarements du nigrophilisme de Louis Narcisse Baudry Deslozières (mars 1802)*”. No entanto, infelizmente não consegui ter acesso a ele.

da Revolução Haitiana, de seus atores e do seu produto final: o Haiti. Baudry pode não ser o protagonista do dito esforço de silenciamento, se é que podemos eleger um, mas definitivamente fez parte dele.

Para abordar todas as questões mencionadas, o presente trabalho se divide em três capítulos. No primeiro, se buscará compreender o personagem de Baudry em sua trajetória colonial, contexto no qual desenvolveu sua rede social e familiar, além de seu pensamento político e racial. No segundo capítulo, serão tratados os impactos que as movimentações revolucionárias e contra revolucionárias do Atlântico tiveram sobre a vida e produção intelectual do autor, além de sua atuação no âmbito do estado francês e seu posterior recuo à obscuridade. Por fim, no terceiro capítulo será feita uma análise do livro *Les Égarements du Nigrophilisme*, expondo seus argumentos centrais e as circunstâncias nas quais foi publicado e distribuído.

CAPÍTULO 1 - A TRAJETÓRIA COLONIAL DE BAUDRY DES LOZIÈRES

O período vivido em Saint-Domingue representou um papel crucial na vida de Baudry, que passou ali 16 anos de sua vida adulta entre 1776 e 1792. Em pleno apogeu econômico, a colônia tinha a reputação de ser um local perfeito para começar uma vida nova e fazer fortuna fácil, e ele foi capaz de usufruir de ambas¹². Diferente da maior parte dos colonos nascidos na Europa, que desejava encher os bolsos em Saint-Domingue e retornar, Baudry estabeleceu raízes, formando conexões familiares, profissionais e intelectuais com diversos crioulos¹³. Neste processo, ele sem dúvida desenvolveu um grande fascínio pela vida colonial, por suas atividades econômicas e pelo caráter dos locais. Essa experiência é muito presente nas suas publicações, em sua maioria concentradas nessa temática para torná-la mais conhecida entre aqueles que nunca saíram da França.

Sua contribuição para o estabelecimento de instituições coloniais como o *Cercle des Philadelphes*, criado em 1784, voltado exclusivamente para o desenvolvimento de um saber dos colonos e para os colonos, reforçam ainda mais a recusa em encarar a sociedade e o modo de vida colonial como inerentemente inferiores aos da metrópole. E isso incluiu aspectos como a escravidão, parte indissociável do cotidiano de Saint-Domingue. Baudry desenvolveu fortes opiniões sobre ela que inevitavelmente envolveram o convívio com os negros nascidos tanto na África quanto na própria colônia. No processo, criou-se um sentimento pessoal bastante complexo a respeito dos africanos, reflexo de relações e interações igualmente complexas que Baudry teve com eles.

Tal contexto permitiu a criação de visões como a de que a escravidão era, em última análise, uma forma de cuidado e afeto com os cativos¹⁴. Simultaneamente, ele aceitava como verdadeiras as proposições contraditórias de que os mestres e os escravizados em geral amavam um ao outro, e de que os negros eram os inimigos naturais dos brancos. Esses serão pontos de vista presentes em *Les Égaremens du Nigrophilisme* e desenvolvidos após o início da revolução haitiana. Mas mesmo antes dela, Baudry já expressava seus conflitantes sentimentos de benevolência, superioridade, desconfiança e desprezo na sua elaboração de um vocabulário e dicionário do idioma *kikongo*, feita em convivência direta com escravizados de sua fazenda.

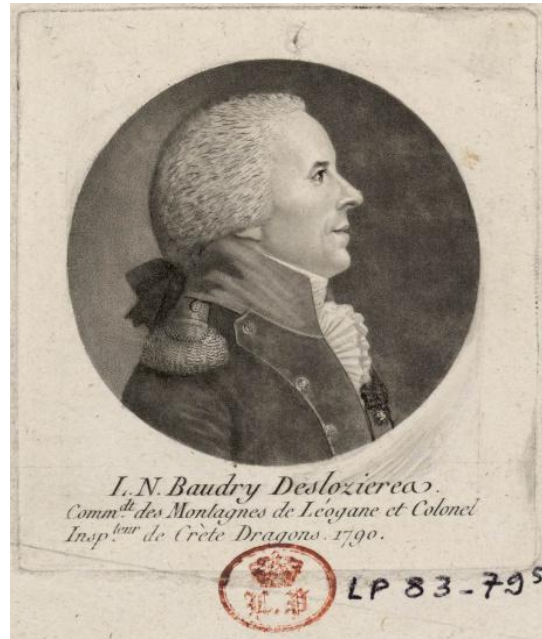
1.1 - Juventude na metrópole, estabelecimento profissional e social na colônia:

¹² MCCLELLAN III, James E. *Colonialism & Science: Saint Domingue and the old regime*. Chicago: The University of Chicago Press, 2010, p. 3, 57 e 58.

¹³ Termo utilizado para se referir àqueles nascidos nas próprias colônias, tanto para europeus quanto africanos.

¹⁴ Johnson, S. 2018, p. 14.

Figura 1 - Gravura de Baudry des Lozières de perfil, 1790.



Fonte: Chastenet D'Esterre, 1804, p. 1.

Sabe-se que Baudry nasceu em Paris no dia 12 de janeiro de 1751. Era filho de Pierre Baudry des Lozières, nascido, assim como o filho, com o nome germânico de Bauderic, posteriormente adaptado ao francês. Pierre foi capitão do regimento de Nassau de Saarbruck e eventualmente casou-se com Guillemette Guyot d'Ecourbens, membra de uma família nobre da região de Champagne¹⁵. Na nota biográfica de *Précis Historique sur le Régiment de Crête, Dragons*, Chastenet d'Esterre menciona a existência de uma irmã, porém sem especificar seu nome, se foi mais nova ou mais velha, e se era filha dos mesmos pais¹⁶. À exemplo do pai, segue carreira militar e integra diferentes regimentos de cavalaria leve da guarda de Luís XV, alcançando a patente de capitão de um regimento provincial ao mesmo tempo em que estudava engenharia¹⁷.

Diante da fortuna limitada de sua família, Baudry acaba seguindo a carreira legal e migrando em 1776 para Saint-Domingue em busca de melhores oportunidades. Uma vez no Caribe, aproveita-se de suas conexões familiares para obter um cargo de advogado no conselho superior da cidade do Cabo Francês (atual Cabo Haitiano). Ao mesmo tempo, as circunstâncias do apoio francês à Independência dos Estados Unidos e do conflito colonial iminente contra os ingleses na América proporcionam a ele também uma nomeação

¹⁵ DE COURCELLES, Jean-Baptiste Pierre. *Dictionnaire Universelle de la Noblesse de France - Tome Troisième, A-M*. Paris: Bureau Général de la Noblesse de France, 1821, p. 51 e 52.

¹⁶ CHASTENET D'ESTERRE, Gabriel. *Précis Historique sur le Régiment de Crête, Dragons; suivi d'une notice sur la vie militaire, politique et privée de M. Baudry-Deslozières, Colonel-Inspecteur dudit Régiment - Troisième Édition*. Toulouse: Benichet frères, 1804, p. 287.

¹⁷ Depréaux, 1924, p. 10.

“provisória” como comandante de algumas divisões coloniais graças à sua experiência prévia na França. Tal arranjo acaba se tornando permanente, com Baudry dividindo seu tempo entre a advocacia e a carreira militar, ganhando notoriedade pelo fato curioso de ser “advogado pela manhã e comandante à noite”. Sua capacidade para a multitarefa, no entanto, possivelmente também foi um dos fatores responsáveis pela relativa lentidão com que avançou na hierarquia de ambas as funções na primeira década em que as exerceu¹⁸.

A posição de Baudry na vida social da colônia, porém, não dependeu somente das conexões familiares que trouxe da metrópole, mas também dos laços que conseguiu construir por conta própria ao se estabelecer ali. Pouco depois de sua chegada casou-se, em 16 de agosto de 1777, com Catherine Milhet, a mais velha das três filhas de Louise Milhet, viúva de uma importante família crioula de comerciantes proveniente de Nova Orleans. O casal teve uma única filha em 1781, chamada Louise Marie Amélie Eléonore¹⁹.

A razão que torna o casamento de Baudry importante para esta análise é o fato deste proporcionar sua aproximação e aliança com Moreau de Saint-Méry, que dará início a uma frutífera parceria essencial para o andamento de sua obra e carreira. Residente em Saint-Domingue desde 21 de maio de 1775 e também advogado no conselho superior do Cabo Francês, Moreau se aproximou de Baudry em decorrência de uma grave doença não especificada que acometeu os dois em 1779. Nesse contexto, Moreau passa a frequentar a casa de seu colega e conseqüentemente a ter acesso à viúva Milhet e suas outras filhas, que estavam sob a tutela legal de Baudry na ausência de outro parente homem.

A boa relação cultivada com ambos resultou em seu casamento com a filha do meio, Louise Catherine, em 18 de abril de 1781²⁰. É válido notar que até hoje persiste uma noção equivocada entre alguns autores que mencionam Baudry em suas obras de que foi ele quem entrou na família de Moreau, pegando carona no seu prestígio e conexões. Essa provavelmente é uma visão resultante do peso histórico que cada um veio a ter na posteridade. É válido, no entanto, explorar a possibilidade de inicialmente ter sido Moreau – também de linhagem nobre, migrante, em início de carreira e sem grandes recursos – quem se aproveitou do prestígio e conexões de Baudry; ou mesmo de que a princípio nenhum se beneficiou do outro, sendo ambos elevados pelo prestígio e conexões dos Milhet.

¹⁸ Depréaux, 1924, p. 11 e 12; Chastenet d’Esterre, 1804, p. 190, 199 e 201.

¹⁹ De Courcelles, 1821, p. 51 e 52.

²⁰ MOREAU DE SAINT-MÉRY, Médéric Louis Élie. *Mémoire Justificatif*. Paris: Baudouin, imprimeur de l’Assemblée Nationale, 1790, p. 6 e 8. Baudry ainda foi no ano seguinte o padrinho do primeiro e único filho do casal (Moreau por sua vez já tinha antes do casamento uma filha com uma mulher mestiça), batizado em sua homenagem como Médéric Louis Marie Narcisse.

Em 1780, Baudry inicia sua trajetória intelectual com a finalização do manuscrito *Idées politiques et morales, ou les Rêveries d'un homme sans prétention, dédiées à la patrie*, e também com a publicação do manual *L'art de former un raffineur dans trois mois*, sobre a fabricação do açúcar. Ambas podem ser interpretadas como subproduto de sua *Encyclopédie Coloniale* que supostamente já estaria sendo concebida²¹.

Quatro anos depois, Baudry interrompe sua carreira militar, uma decisão que levanta a pergunta se isso seria novamente um reflexo de sua necessidade de obter uma ascensão econômica, como o fez na juventude. Estivesse ou não com esta motivação em seus cálculos, tal medida de fato parece ter surtido um efeito positivo em sua carreira legal, visto que logo alcançaria a posição de reitor e presidente da ordem dos advogados de Saint-Domingue em 1787²². Para além do possível estímulo econômico, o afastamento da vida militar provavelmente se justificou pela intenção de Baudry em se aprofundar nas suas ambições intelectuais, a exemplo de seu cunhado e frente às oportunidades neste campo que se apresentaram naquele momento.

1.2 - Concepção do *Cercle des Philadelphes* e seus debates sobre raça e escravidão:

Como é de se imaginar, o interesse em pesquisar e catalogar o máximo possível de informações úteis para a melhoria da vida, da produção econômica e da administração colonial, não se limitou aos dois advogados e tampouco passou despercebido pelos demais letrados de Saint-Domingue. A agregação de mais pessoas em torno deste objetivo se deu através de diversas outras redes de contato profissional, familiar e social, como a maçonaria, da qual Baudry e Moreau eram membros ativos. No entanto, pode-se traçar a um episódio específico o momento em que este agrupamento de intenções se converteu em planos concretos para o estabelecimento de uma sociedade científica ao estilo metropolitano no Cabo Francês por esse grupo de homens.

Ainda em 1784, embarcou na colônia o conde Chastenet de Puységur, um defensor, como tantos outros no período, da teoria do magnetismo animal, também conhecida como mesmerismo. Nesse contexto, outro personagem importante entra em cena: o médico Charles Arthaud, que eventualmente também se tornaria cunhado de Baudry ao casar-se em janeiro de 1789 com Marguerite, a caçula das irmãs Milhet²³. A popularização da crença mesmerista motiva Arthaud a formar um comitê investigativo com Baudry e outros intelectuais para

²¹ Chastenet d'Esterre, 1804, p. 214 a 216.

²² Id., p. 190; McClellan III, 2010, p. 201.

²³ Moreau de Saint-Méry, 1790, p. 7.

refutar e desacreditar as teses de Puységur por meio de experimentos em medicina e botânica. Do sucesso dessa iniciativa e da união de Arthaud com outros sábios da colônia surge a idealização e estabelecimento formal do chamado *Cercle des Philadelphes* em 15 de agosto do mesmo ano²⁴.

Formado por homens de boa condição econômica, muitos dos quais proprietários de terras e de escravos²⁵, o escopo do *Cercle des Philadelphes* foi primariamente o de investigar uma série de questões práticas relacionadas ao aperfeiçoamento da administração, da agricultura e da produtividade econômica rural de Saint-Domingue. Dentre estas, o tópico de estudo que mais interessa a esta análise diz respeito ao melhoramento da escravidão. Claramente não se tratou da qualidade de vida dos escravizados, mas sim de melhorias como redução de custos e incidentes, e aumento da eficiência e produtividade. Com uma composição inicial formada predominantemente por médicos, que eram cinco dos nove membros fundadores, o *Cercle* em sua origem muito se assemelhava com uma academia de medicina, e as discussões e pesquisas em torno da escravidão foram influenciadas por este viés, se propondo a lidar com os altos índices de mortalidade entre os cativos e com a adaptação daqueles que acabaram de ser trazidos da África para o Caribe²⁶.

Figura 2 - Certificado de associação de Baudry ao *Cercle des Philadelphes*.



Fonte: McClellan III, 2010, p. 196.

²⁴ REGOURD, François. Lumières coloniales. Les Antilles françaises dans la république des lettres. *Dix-huitième Siècle*. Vol. 1, No. 33, pp. 183-200, 2001., p. 194.

²⁵ JOHNSON, Erica R. *Philanthropy and Race in the Haitian Revolution*. Cambridge: Palgrave Macmillan, 2018, p. 76

²⁶ McClellan III, 2010, p. 200.

A iniciativa institucional mais significativa do *Cercle* dentro desta temática, por sua vez, foi a criação e circulação em 1787 de um questionário que almejava ser o prospecto de um abrangente tratado sobre agricultura colonial. Com a distribuição de um total de cinco mil cópias contendo duzentas e cinquenta questões cada, o questionário dividiu-se em três partes: a primeira e maior dedicada à agricultura em si, como o cultivo de cana de açúcar, café, algodão e índigo; a segunda dedicada ao trabalho escravo; e a terceira aos animais e à pecuária.

Os sete artigos dedicados à escravidão exploraram questões relacionadas à mortalidade dos escravizados e às doenças que mais os afetavam, além de abordar o chamado processo de aclimatação dos recém-chegados do continente africano. Também figuram nessa parte perguntas sobre o tipo de alimentação mais eficiente, as formas de economizar com moradia e os requerimentos médios de mão de obra escrava para cada tipo de *commodity* produzida na colônia. Por fim, o questionário buscou saber quais nações africanas submetidas ao tráfico negreiro eram as mais fáceis de se disciplinar no âmbito da escravidão²⁷.

As memórias resultantes do questionário por sua vez nunca foram publicadas em razão dos rápidos impactos que a revolução francesa acabou tendo sobre a estabilidade da colônia e sobre a vida dos membros do *Cercle*. De toda forma, considerando que a organização indiretamente auxiliou o esforço de coleta de informações coloniais de Moreau para a escrita de sua *Description*, supõe-se que os resultados do questionário possam ter sido aproveitados por ele²⁸. Ainda no campo da especulação está a pergunta de se tais resultados não foram algo que Baudry também teve a expectativa de incluir em sua *Encyclopédie* perdida; de qualquer maneira, pode-se presumir com um certo grau de segurança que seu pensamento racial e seus empreendimentos intelectuais nos anos seguintes foram fortemente influenciados pelos estudos e debates de seus pares na instituição.

Mesmo não sendo o tema central das atividades do *Cercle*, não há dúvidas de que raça e escravidão foram significativamente debatidas tanto no âmbito oficial da instituição quanto de forma privada entre seus membros. A instrumentalização do intelecto e da ciência para a melhoria do sistema escravocrata da colônia foi parte não-negligível de sua missão, tendo por exemplo médicos atuando nas *plantations* para inocular escravizados contra a varíola, botânicos atuando para importar a chamada fruta-pão como alimento para os cativos, e etnógrafos atuando para categorizar os negros importados da África de acordo com o serviço braçal mais adequado para eles. A despeito de sua aura humanista, a instituição jamais

²⁷ McClellan III, 2010, p. 215.

²⁸ Id., p. 239.

questionou a escravidão ou o pressuposto de que esta era imprescindível ao desenvolvimento colonial, tampouco a tese da suposta inferioridade inata dos africanos e seus descendentes perante os europeus²⁹.

A despeito do questionário e de outros materiais que não chegaram a ser publicados, o *Cercle des Philadelphes* alcançou um sucesso rápido e considerável diante de sua efêmera existência. Nesse período foram publicados cinco volumes de memórias científicas diversas, com a organização alcançando uma filiação equivalentes a outras academias provinciais da França muito mais antigas, com cento e sessenta e dois membros, dentre os quais diversos associados internacionais de peso como Benjamin Franklin. Graças ao esforço de membros como Moreau, o *Cercle* também estabeleceu laços formais com a *Academie Royale des Sciences* de Paris e com a *American Philosophical Society* da Filadélfia, dentre diversas outras academias provinciais e museus franceses. Em 17 de maio de 1789, obteve a carta patente real de Luís XVI, a última a ser emitida pelo antigo regime, convertendo-se oficialmente em *Société Royale des Sciences et Arts* do Cabo Francês após apenas cinco anos de sua fundação por iniciativa privada³⁰.

Devido à crescente turbulência da guerra civil que se desenhava na colônia, a *Société Royale* acabou sendo palco de significativas cisões. Ademais, a escalada do conflito com o levante de escravos no norte essencialmente paralisou as atividades da organização depois de 1791. O exílio de muitos de seus membros, como Baudry e Arthaud em 1792, e a destruição do Cabo Francês em junho de 1793 já tornaram seu fim um fato consumado antes do decreto da convenção jacobina de agosto do mesmo ano determinar o fechamento de todas as sociedades reais da nova república francesa³¹.

1.3 - Experiências como latifundiário escravocrata e o dicionário kikongo:

Baudry, ao que tudo indica, já estava afastado da organização desde 1788, ano em que deixou o Cabo Francês, onde viveu por mais de dez anos, mudando-se para as montanhas adjacentes à cidade de Leogane, próxima à capital Porto Príncipe. A justificativa mais provável para esta decisão foi o fechamento do conselho superior do Cabo no ano anterior pelo governador da colônia, com anuência do ministério da marinha e das colônias³², um ato de “despotismo ministerial” que enfureceu muitos latifundiários e deve ter sido decisivo para o encerramento da carreira de advogado de Baudry, que até então encontrava-se em seu auge.

²⁹ McClellan III, 2010, p. 8, 9 e 239.

³⁰ Id., p. 6 e 259.

³¹ Ibid., p. 285.

³² Dubois, 2004, p. 78.

A escolha do seu novo destino, por sua vez, se deu em decorrência de sua nomeação pelo governador como *commandant pour le roi* das sete montanhas de Leogane e suas adjacências³³, sinalizando seu prestígio alcançado entre a elite colonial e o retorno integral às funções militares. A partida para o oeste de Saint-Domingue dará início também ao período mais dramático de sua vida.

Mas antes de entrar nos conflitos revolucionários que sacudiram a região, convém se deter um instante na vida rural que Baudry e sua família estabeleceram momentaneamente na recém-adquirida fazenda *Crête-a-Piquans*³⁴. A propriedade não tinha nenhum tipo de cultura agrícola no momento da aquisição e não veio com um único escravo, algo incomum na colônia. Baudry portanto começou do zero sua plantação de café, comprando um número de cativos para este fim³⁵. Durante o período, buscou colocar em prática alguns dos seus próprios conhecimentos sobre agricultura e sobre os negros escravizados, além daqueles que circularam no âmbito do *Cercle des Philadelphes*, desenvolvendo no processo várias novas teorias pessoais a respeito.

As que mais interessam a este trabalho dizem respeito à sua pesquisa e prática do idioma kikongo³⁶, dos quais sobreviveria à destruição de sua fazenda apenas o contido na seção *Dictionnaire ou Vocabulaire Congo* presente em *Second Voyage a la Louisiane*. Mesmo sendo apenas um fragmento de uma coletânea de dimensões desconhecidas, o vocabulário compilado por Baudry impressiona não só pela excepcionalidade de ser um dos poucos vocabulários de um idioma africano produzido no período colonial das Américas e o único no Haiti, mas também por reunir ao longo de trinta e nove páginas a transcrição de mais de 680 palavras e 120 frases, possivelmente de memória³⁷.

À época de sua publicação, Baudry já estava há mais de uma década afastado de Saint-Domingue e dos seus tempos de convivência cotidiana com os falantes do kikongo que entrevistou, grande parte deles, senão todos, escravizados a serviço de *Crête-a-Piquans*. A capacidade do autor de reproduzir tal vocabulário depois de tanto tempo indica um nível

³³ Chastenet d'Esterre, 1804, p. 191.

³⁴ Depréaux, 1924, p. 12.

³⁵ Chastenet d'Esterre, 1804, p. 299.

³⁶ Além de ser um dos idiomas mais comuns entre os chamados *bossales* (negros nascidos na África) e atuar como uma língua franca na colônia, a escolha do kikongo também parece ter sido motivada pela percepção de Baudry de que os kongolezes em geral eram um povo doce e amigável, o que os tornava escolha popular para atividades domésticas (Johnson, S. 2018, p. 28). Essa premissa reflete muito o interesse do questionário do *Cercle des Philadelphes* em saber quais nações africanas eram as mais fáceis de se disciplinar.

³⁷ Sara Johnson, no entanto, argumenta sobre a possibilidade de parte do vocabulário ter utilizado outras fontes escritas como verificação, ou talvez até para copiá-las, visto que muitas das palavras e suas traduções são idênticas às contidas no livro *Voyage à la côte occidentale de l'Afrique* (1801), escrito pelo traficante de escravos Louis de Grandpré (Johnson, S. 2018, p. 36).

considerável de fluência no idioma adquirida ao longo de seus anos em Leogane, e que seu estudo foi muito mais do que uma simples atividade de lazer para ele³⁸.

De fato, a intenção de Baudry ao aprender e ensinar o kikongo foi bastante prática e utilitária. Primeiro, como forma de se comunicar mais efetivamente com seus escravizados, entendê-los e se fazer entender, criando laços de confiança que seriam cruciais para uma boa adaptação física e mental dos africanos recém-chegados à América; e, segundo, serviria como um guia deste mesmo conhecimento para outros proprietários de escravos, especialmente os iniciantes. Outro benefício imediato previsto por ele estava no uso do vocabulário por médicos e cirurgiões empregados nas fazendas, com muitas das frases contidas sendo inquirimentos sobre o corpo e a saúde do eventual interlocutor³⁹. Sobre isso, Sara Johnson (2018) observa:

O texto de Baudry era um projeto bastante secular, sem intenções evangelizantes. Também não era um tratado interessado em teorias detalhadas sobre as origens, hierarquias ou relacionamentos entre grupos linguísticos. Embora contivesse uma longa descrição do tráfico de escravos nas comunidades costeiras centro-africanas de Ambriz, Cabinda e Loango, não era um projeto etnográfico que utilizava a linguagem para estudar as comunidades kongolesas na América e especular sobre uma visão de mundo kongolesa. Em vez disso, era um projeto motivado por um desejo de ser “útil”, cujo maior princípio definidor foi a maximização do lucro do tráfico e da extração do trabalho em situações de encontro direto⁴⁰.

A mesma autora aponta também uma dimensão perniciosa do documento, igualmente reveladora da mentalidade de Baudry e de sua relação com seus escravizados e com os africanos em geral. Fora as traduções para diálogos de rotina, perguntas médicas e ordens voltadas para o serviço rural e doméstico, seu vocabulário contém diversos exemplos de frases que não possuem qualquer outro uso que não o de coagir, insultar e abusar do interlocutor⁴¹. Exemplos deste elemento sádico são as traduções das frases “*tu es une bête*” (você é uma besta/um animal), “*filz de femme débauchée*” (filho de uma mulher libertina), “*ta mère a mis au monde un cochon*” (sua mãe deu à luz um porco), “*que tu es laid!*” (como você é feio!), que sequer estão relacionadas com o contexto do trabalho ou da disciplina, diferente de frases como “*prends garde au fouet*” (cuidado com o chicote) e “*se tu ne travaille pas je te battraï*” (se você não trabalhar eu vou te bater)⁴².

³⁸ SWEET, James. Research Note: New perspectives on Kongo in Revolutionary Haiti. *The Americas*. Vol. 74, No. 1, pp. 83-97, 2017, p. 85 e 86.

³⁹ Johnson, S. 2018, p. 18 e 19.

⁴⁰ Id., p. 17 e 18, tradução nossa.

⁴¹ Ibid., p. 32.

⁴² BAUDRY DES LOZIÈRES, Louis Narcisse. *Second Voyage a la Louisiane, faisant suite au premier de l'auteur, de 1794 a 1798*. Paris: Charles, imprimeur, 1803, p. 115, 126, 130, 131 e 145.

Presumindo quase sempre um emissor mestre e um receptor escravizado, o dicionário oferece a tradução do pronome informal *tu*, utilizado na maior parte das frases, mas não da variante formal *vous*. Da mesma forma, a presença de várias outras palavras só se justifica pela centralidade da escravidão no contexto imaginado da comunicação, como “*esclave*” (escravo), “*captif*” (cativo), “ *paresseux*” (preguiçoso), “*maître/maîtresse*” (mestre), “*supérieur*” (superior), “*capitaine de navire*” (capitão de navio), e a frase “*quel navire t’a porté?*” (que navio te levou?). Por fim, o vocabulário também expressa preocupações de segurança com as palavras “*homicide*” (homicídio), “*brigand*” (bandido), “*antropophage*” (canibal) e a frase “*tu es empoisonner*” (você é um envenenador)⁴³.

Diante de idiomas africanos como o kikongo se mostrando instrumentais para a articulação dos levantes de escravizados em Saint-Domingue, Baudry buscou com seu dicionário convertê-lo em um instrumento de dominação senhorial. Mesmo em meio à Revolução Haitiana, ele só se tornaria mais útil devido à necessidade que os franceses teriam de repovoar a colônia com novos africanos caso saíssem vitoriosos de sua expedição de pacificação e reconquista em 1802⁴⁴.

Por fim, é importante abordar um último tópico a respeito de seu período como senhor de escravos. Tanto na nota biográfica de *Précis Historique* quanto em *Les Égarements*, Baudry é exaltado como um senhor que tratava seus escravizados com bastante humanidade e generosidade. A própria sobrevivência de sua família durante a revolução alguns anos depois acaba atribuída à simpatia e gratidão que os negros nutririam por eles. Como acabamos de ver, o patriarca levaria tal dedicação ao extremo de aprender o idioma dos africanos não apenas com a intenção de controlá-los, mas também para acolhê-los. Isso evidentemente não protegeu os escravizados em posse deles dos abusos inerentes à escravidão, com Baudry se mostrando capaz de causá-los não apenas verbalmente, como também fisicamente.

É o que anos depois reivindicaria o escritor e político haitiano Pompée Valentin Vastey, mais conhecido pelo título Barão de Vastey⁴⁵. Em *Le Système Colonial Dévoilé* (1814), seu livro mais famoso, ele faz uma contundente denúncia dos males da escravidão e do colonialismo sob a perspectiva do jovem estado haitiano. E uma parte de seu manifesto é dedicada a uma lista nominal de um grande número de ex-colonos do país que teriam tomado

⁴³ Baudry des Lozières, 1803, p. 109, 115, 116, 123, 128, 130, 137 e 143. A acusação de ser um envenenador provém diretamente dos temores originados pelos planos de François Mackandal, sacerdote vodu escravizado que tentou organizar o envenenamento sistemático dos senhores de escravos e seus aliados na década de 1750.

⁴⁴ Johnson, S. 2018, p. 11.

⁴⁵ Vastey foi também um dos primeiros historiadores do Haiti independente, atuando posteriormente como secretário do rei Henry Christophe e principal porta voz de seu governo, âmbito no qual desenvolveu grande parte de seus escritos em defesa da independência haitiana e como réplica aos discursos colonialistas e escravocratas em voga na França.

parte em notórios episódios de violência contra escravizados, como torturas e assassinatos. Dentre estes, há a menção de um

Baudry, conselheiro honorário do Conselho Superior de Porto Príncipe, residente no bairro de Bellevue, fez perecer sob o chicote, uma tarde, seu confeitoiro, por lhe ter apresentado uma geléia, que, segundo ele, não estava bem feita⁴⁶.

Ainda que não mencione o nome completo pelo qual Baudry costumava ser referido, a descrição do autor indubitavelmente coincide com ele, mesmo mais de vinte anos depois da suposta ocorrência. Não deixa de ser bastante difícil determinar a veracidade do que foi alegado por Vastey, especialmente considerando que nem Baudry nem qualquer outra pessoa que escreveu a respeito dele comentam a acusação ou mesmo mencionam o caso. Caso seja verdadeira, no entanto, a situação acrescenta um significado extra a uma estranha comparação feita por Baudry em *Les Égaremens* para defender que o homem colono não era mais violento que o homem metropolitano. Segundo ele, certamente seria mais horrível matar, com reflexão e às vezes até prazer, um concidadão do que matar, por acidente ou por raiva, um escravizado insolente ou revoltoso. Portanto, se o caráter do europeu em seu continente não podia ser reduzido aos crimes que ele sem dúvida cometia ali, o colono tampouco poderia estar sujeito à mesma injustiça⁴⁷.

⁴⁶ VASTEY, Baron de. *Le Système Colonial Dévoilé*. Cap-Henry: P. Roux, imprimeur du roi, 1814, p. 52.

⁴⁷ BAUDRY DES LOZIÈRES, Louis-Narcisse. *Les Égaremens du Nigrophilisme*. Paris: Migneret, 1802b, p. 62.

CAPÍTULO 2 - REVOLUÇÕES, EXÍLIOS E FIM DA VIDA

Apesar de, como presidente da ordem dos advogados e membro do *Cercle des Philadelphes*, poder ser considerado como uma pessoa pública às vésperas das revoluções Francesa e Haitiana, Baudry ainda estava longe de se tornar uma figura conhecida e memorável no meio colonial. A jovem cultura impressa de Saint-Domingue, afinal de contas, não era capaz de oferecer muito mais do que “os magros frutos de uma glória local” aos seus intelectuais, que não teriam onde arrumar leitores fora de seus próprios círculos pequenos⁴⁸. Foi somente com sua participação como militar no conflito revolucionário que Baudry alcançaria o status do que seria um ator histórico relevante dentro da concepção de grandes feitos e grandes homens que prevaleceu no entendimento ocidental da História entre os séculos XVIII e XX.

Isso, no entanto, não se deu de forma “espontânea”, se é que a exaltação de figuras históricas possa ser pensada dessa forma. As duas principais fontes acerca da atuação militar de Baudry nas montanhas de Leogane, o panfleto *Coup d’Oeil* (1790) e o livro *Précis Historique* (1801 e 1804), sofrem do mesmo problema: a suspeita de terem sido direta ou indiretamente elaboradas por ele próprio.

A mais antiga, anterior aos eventos dramáticos que culminaram na perda do seu trabalho de vida e em seu exílio, parece ter a intenção de reforçar o caráter patriótico da iniciativa de Baudry em criar e comandar a falange *Crête-Dragons*. Mesmo que seu papel na revolução tenha terminado em uma fulminante derrota, ainda houve margem para tentar transformá-lo em algo favorável, como Chastenet acabou fazendo. Seu livro trabalha com uma narrativa de nobre heroísmo diante de forças invencíveis, com bastante potencial para encontrar eco em meio à crescente multidão de colonos despojados que desembarcava na França.

Porém, o desenrolar da Revolução Haitiana e a independência definitiva do Haiti acabaram prejudicando seriamente este esforço e também o do livro *Les Égarements*, que àquela altura parecia dialogar com um futuro já impossível. A demanda francesa por especialistas em Saint-Domingue e Louisiana ao longo da década de 1800 muito provavelmente diminuiu diante da remoção de todas as suas possessões nas Américas por revolucionários haitianos e aliados britânicos, assim como pela atenção cada vez maior exigida pelas guerras em curso na Europa. Diante disso e de seus próprios erros, Baudry acabou recuando aos poucos para a irrelevância e obscuridade de seus anos finais.

⁴⁸ Regourd, 2001, p. 192.

2.1 - Criação e destruição da *Phalange Crête-Dragons* no contexto revolucionário:

Para além do que já foi abordado sobre sua vida rural, é importante mencionar, ainda que sem a intenção de entrar nos detalhes, que Baudry cultivou inimizades e desafetos políticos com alguns dos habitantes locais antes mesmo da chegada dos distúrbios políticos à Leogane. Com o início da revolução, eles inevitavelmente se intensificaram. Estes contribuíram para eventualmente colocar a cabeça de Baudry a prêmio entre os insurgentes brancos do oeste⁴⁹. Também justificam sua posição de relativo isolamento na função de comandante leal ao governador da colônia, acumulando inimigos entre todos os estratos sociais e raciais da colônia que se organizaram em grupos armados.

Quando Baudry toma a iniciativa de fundar a chamada *Phalange de Crête-Dragons* em 3 de agosto de 1790, ainda não havia uma guerra colonial ou uma rebelião de escravos em curso. Seus objetivos eram se opor aos colonos brancos que queriam se separar da metrópole, manter a paz, proteger a propriedade e a tranquilidade dos cidadãos locais e garantir a execução dos decretos da assembleia nacional, que àquela altura ainda conferiam autonomia para as colônias decidirem suas próprias leis⁵⁰. Sua motivação inicial foi a ausência de qualquer tipo de força militar e policial na região das montanhas, fruto não apenas de uma desorganização administrativa local, mas também houve um desejo de transformar a falange num embrião de um corpo patriótico em prol do governo francês, estendendo seu poder por toda a colônia⁵¹.

Este escopo, ainda que bastante político, buscou apresentar-se como o mais apolítico possível no contexto em que se encontrava, tentando retratar a falange como uma força supostamente neutra em nome da lei e da ordem. Baudry não era um revolucionário. Pelo contrário, ele enaltecia a docilidade política, já tendo declarado em discurso para os membros do *Cercle* que “o homem que se devota à ciência nunca causa problemas, o sábio nunca tem

⁴⁹ Chastener d’Esterre, 1804, p. 298 a 304. Sua primeira desavença grave foi com o proprietário anterior de *Crête-a-Piquans* acerca dos termos de venda da propriedade, com este sendo personagem decisivo para posteriormente tornar Baudry procurado no oeste de Saint-Domingue durante a revolução. Baudry supostamente também se indispôs com muitos proprietários locais em sua tentativa mal sucedida de estabelecer uma loja maçônica chefiada por ele na cidade, assim como no processo de coleta de assinaturas para elegê-lo comandante da falange *Crête-Dragons*, apontado por alguns deles como fraudulento. Por fim, há severas discordâncias acerca das circunstâncias dos assassinatos de Alexis Gourjon e do cavaleiro d’Ambouville na propriedade de Baudry por seus subordinados mestiços. Diferentes versões destes episódios são narradas em *Coup D’Oeil* e em outro panfleto publicado no mesmo ano em resposta a este, intitulado: *Exposition véridique des faits relatifs à l’assassinat commis chez le sieur Baudry des Lozières, sur les personnes de MM. Alexis Gourjon, et le chevalier d’Ambouville, pour servir de réfutation à son ridicule pamphlet, intitulé: Coup D’oeil, etc.*

⁵⁰ COUP D’OEIL sur la conduite patriotique et militaire de la Phalange de Crête-Dragons, créé le 1^{er} août 1790 et sanctionné le 16 du même mois. Porto Príncipe: Imprimerie de Mozard, 1790, p. 4.

⁵¹ Depréaux, 1924, p. 14.

tempo”⁵². Uma constante em todos os textos que produziu foi seu desejo de simplesmente ser útil, e a fundação da falange parece se manter fiel a este princípio.

Seja qual fosse sua expectativa de lidar com algum tipo de desordem resultante das tensões raciais e dos eventos na metrópole, Baudry dificilmente antecipou a dimensão dos desafios que sua falange lidaria no curso dos meses seguintes. Apesar de no início não estar implicada em nenhum dos eventos mencionados anteriormente, a região de *Crête-a-Piquans* logo se viu nas imediações de um múltiplo e diverso agrupamento de forças antagônicas que resultaram deles.

Em maio de 1791, o governador se vê obrigado a abandonar Porto Príncipe diante do motim de *pétits blancs* radicais na guarnição da cidade⁵³. Nos arredores da capital, entre os meses de junho e julho, são registrados alguns levantes de escravos, com o surgimento de um agrupamento de insurgentes entre Porto Príncipe e Leogane⁵⁴. Em agosto, quase coincidindo com a grande e principal rebelião de escravizados no norte, é formada uma confederação de colonos mestiços liderada por Pierre Pinchinat e André Rigaud, que pega em armas diante da repressão do governador e busca se aliar com grupos de escravizados rebeldes em torno da capital para sobreviver⁵⁵. Por fim, no mês de setembro tem início o maior levante da região oeste, ocorrido na fazenda *Trou Coffy*, situada entre Jacmel e Leogane e liderado por Romaine Rivière, mais conhecida como *Romaine-la-Prophetesse*. Este foi apenas o estágio inicial de um complexo conflito que:

Em dado momento, chegou a haver simultaneamente em cena seis facções beligerantes: escravos, pessoas de cor livres, *petit blancs*, *grands blancs*, e tropas invasoras espanholas e inglesas, bem como os franceses que tentavam em vão restaurar a ordem e o controle. Alianças eram feitas e dissolvidas em sucessão oportunista⁵⁶.

A composição racial dos soldados recrutados na falange era tão diversa quanto seus eventuais adversários, tendo brancos, mestiços e negros em suas fileiras, mas com diferentes uniformes e lemas designados por Baudry para cada um deles. Enquanto o lema dos soldados brancos era *Tout à la Patrie* (tudo para a pátria), os lemas *Amour Filial* (amor filial) e

⁵² McClellan III, 2010, p. 343, tradução nossa.

⁵³ GEGGUS, David Patrick. *Haitian Revolutionary Studies*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2002, p. 10.

⁵⁴ REY, Terry. *The Priest and the Prophetess: Abbé Ouvière, Romaine Rivière, and the revolutionary Atlantic world*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 92.

⁵⁵ Dubois, 2004, p. 119.

⁵⁶ KNIGHT, Franklin W. The Haitian Revolution. *The American Historical Review*, vol. 105, no. 1, pp. 103–115, 2000, p. 112, tradução nossa.

Soumission et Courage (submissão e coragem) foram respectivamente designados aos mestiços e aos negros.⁵⁷

Apesar da patente de coronel e dos grandes poderes conferidos pelo governador, como o de controlar o fluxo de pessoas na região com a emissão de passaportes, Baudry nunca teve meios reais de exercê-los efetivamente devido à incapacidade do governo em apoiá-lo e ao número limitado de homens em seu regimento. Com menos de mil soldados fixos eventualmente reforçados por uma quantidade variável de voluntários itinerantes, a falange manteve-se dependente da evitação do combate direto e da posição estratégica e quase impenetrável da montanha de sua base de operações em *Crête-a-Piquans*, em cima da qual seria possível ver simultaneamente, Porto Príncipe, Leogane e Jacmel⁵⁸.

Provavelmente foi neste período inicial de atividades que Baudry utilizou a influência de sua posição para obter pacificamente a libertação de mais de duzentos *petit blancs* prisioneiros das forças de Rigaud. Pouco antes de sua partida para o exílio, esse episódio motivaria uma recepção calorosa em sua chegada a Porto Príncipe, onde o coronel teria sido acolhido aos gritos de “Viva a nação! Viva o rei! Viva nosso defensor!”. Além disso, ele chegou a receber uma proposta, nunca concretizada, para a construção de monumento em sua homenagem de um grupo de mestiços que teria se impressionado com sua conduta⁵⁹. Por melhor que fosse sua reputação enquanto prestou suporte a diversas operações militares do governo colonial pelo oeste de Saint-Domingue, a falange foi incapaz de conter a conquista, entre o fim de 1791 e o início de 1792, das cidades de Leogane e Jacmel. Elas foram tomadas pelas forças de *Romaine-la-Prophetesse* após a formação de uma aliança efêmera com a confederação mestiça de Pinchinat e Rigaud, que a ajudou a governá-las⁶⁰.

Em fevereiro de 1792, insurgentes negros em superioridade numérica foram capazes de penetrar as montanhas e destruir *Crête-a-Piquans*. Isso resultou na perda de todo o trabalho de vida de Baudry, além da retirada forçada da falange, que sofreu pesadas baixas em sua marcha até a cidade ocupada de Leogane. Dos duzentos e vinte nove homens que saíram com vida da fazenda, ao contrário dos mais de mil que morreram nos dias e meses anteriores, apenas sete oficiais e oitenta e três soldados conseguiram concluir a retirada, todos feridos. O coronel sofreu, dentre vários outros, um grave ferimento na coxa direita que afetou permanentemente sua caminhada⁶¹.

⁵⁷ Depréaux, 1924, p. 20 e 21.

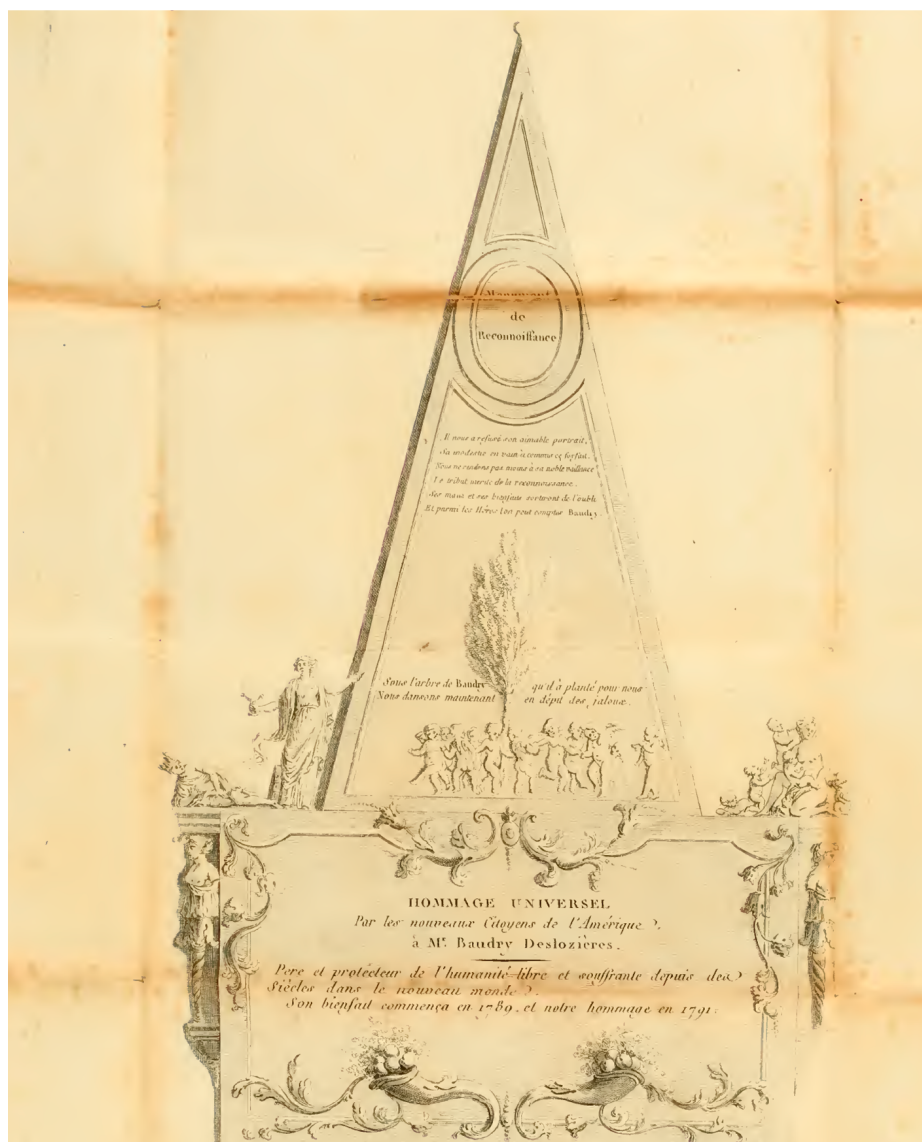
⁵⁸ Coup D’Oeil, 1790, p. 1; Depréaux, 1924, p. 9, 10 e 24.

⁵⁹ Id., 1924, p. 38 e 39.

⁶⁰ Rey, 2017, p. 96 e 98.

⁶¹ Depréaux, 1924, p. 32 e 37.

Figura 3 - Esboço do monumento dedicado a Baudry⁶².



Fonte: Chastenet D'Esterre, 1804, p. 337.

Durante este período, sua esposa e filha foram enviadas para viver em uma pequena propriedade rural da família nos arredores de Porto Príncipe. O fato de Baudry se tornar um homem conhecido e procurado na região trouxe repercussões à segurança de sua família, cuja preservação acabou se devendo ao zelo de alguns negros⁶³. Primeiro, a uma família de *affranchis* de sobrenome Lafleur, que o escondeu com sua esposa e filha por três dias de um grupo de *pétits blancs* em Léogane. Depois, a um escravizado a serviço da família, de nome

⁶² Do topo para baixo, o monumento é adornado com um poema que diz: "Ele nos recusou seu amável retrato/ sua modéstia em vão cometeu esta falta/ não rendemos menos ao seu nobre valor/ o tributo merecido do reconhecimento/ dos males e dos bons feitos que sairão do esquecimento/ e entre os heróis podemos contar Baudry/ sob a árvore de Baudry, que ele plantou por nós/ nós dançamos agora a despeito dos ciúmes". Abaixo, a base do monumento contém uma inscrição com a mensagem: "Homenagem universal/ Dos novos cidadãos da América ao senhor Baudry Deslozières/ Pai e protetor da humanidade livre e sofridora depois de dois séculos no novo mundo. Seu bom feito começa em 1789 e nossa homenagem em 1791."

⁶³ Depréaux, 1924, p. 35.

Chérubin (querubim em francês), que na ausência do patriarca protegeu e guiou Catherine e Louise Marie por uma floresta de Porto Príncipe na ocasião que tiveram de se refugiar de insurgentes à procura do coronel que haviam incendiado sua propriedade na cidade⁶⁴. Mesmo que a suposta proximidade de Baudry com os mestiços de sua falange levantasse fortes suspeitas entre os radicais brancos da região que queriam capturá-lo e executá-lo, ele sempre rejeitou apoiar a causa mestiça, alegando no ano anterior que:

Eu sou branco e me importo com a causa dos brancos; eu sou humano, mas não sou louco nem imbecil; eu lhes desejo o bem, mas desejo também que estejam no lugar indicado pela natureza e pelas convenções sociais⁶⁵.

O coronel inclusive só não acabou enforcado pelos insurgentes por uma intervenção de último instante do recém-chegado comissário do rei, Edmond de Saint-Léger, que proporcionou aos sobreviventes da falange uma fuga de navio para outra região. A delicada situação de Baudry na colônia aparentava só poder ser resolvida ou com a recuperação e ampliação do seu poder militar, ou então com seu exílio. Diante de tantas perdas materiais e perigos para si mesmo e sua família, ele optou pela segunda opção, recusando uma oferta de tornar-se general no comando de um exército de dez mil homens em Porto Príncipe. Sua decisão de partir para a França se deu às pressas, embarcando sozinho como último passageiro do navio *Carbonnieux*, no qual teve de viajar no convés devido à lotação⁶⁶.

Somente em solo francês que Baudry, após uma travessia de quarenta e quatro dias, eventualmente se reencontraria com sua esposa e filha, além de sua sogra e seu cunhado Arthaud, todos com a expectativa de reunirem-se com Moreau em Paris. Nesta ocasião, ele ainda não sabia que jamais voltaria a ver Saint-Domingue da forma que conheceu, ou de qualquer outra, e seguiu sem saber dez anos depois quando publicou em *Les Égarements* as suas expectativas otimistas de um retorno da ilha à normalidade do *status-quo* escravista existente antes de 1789.

2.2 - Exílios na França e nos Estados Unidos:

Os anos entre seu exílio e a publicação de *Les Égarements* também se mostram fundamentais para o desenvolvimento de várias das ideias e argumentos expostos no livro, especialmente os que dizem respeito à responsabilização da Revolução Francesa e alguns de

⁶⁴ Chastenet d'Esterre, 1804, p. 233, 234 e 261; Johnson, S. 2018, p. 15; Sweet, 2017, p. 83. Chastenet d'Esterre atribui a sobrevivência da família e o apoio dos negros mencionados à humanidade, bondade e generosidade dos Baudry para com seus escravizados, algo que evidentemente deve ser tomado com desconfiança e cautela diante da produção intelectual do patriarca.

⁶⁵ Id., 1804, p. 311, tradução nossa.

⁶⁶ Ibid., p.269; Depréaux, 1924, p. 38.

seus personagens pelo caos de Saint-Domingue e ao desenvolvimento de suas tendências anti-filosóficas. Da mesma forma, a distância temporal da emancipação dos escravos da colônia em 29 de agosto de 1793 (e a subsequente ratificação e expansão do ato pela convenção nacional em 4 de fevereiro de 1794) permite que Baudry faça um julgamento comparativo entre liberdade e escravidão em diversos aspectos, sempre favorecendo a última em suas conclusões. Por fim, a maneira como ele passou seus anos finais também nos oferece pistas acerca do alcance obtido por esta obra em específico e de seu êxito em atender as expectativas nela criadas pelo autor.

O afastamento de Saint-Domingue não significou o fim da penúria de Baudry e seus familiares. Além de estarem vivendo sob difíceis condições financeiras após perderem tudo o que tinham na colônia, o agravamento dos conflitos na Revolução Francesa a partir da guerra contra a Europa, iniciada em abril de 1792, os forçou a se colocarem em movimento. Moreau, de quem os Baudry dependiam enquanto tentavam se estabelecer na metrópole, logo se tornou neste período alvo tanto das multidões radicalizadas, que quase o mataram em uma ocasião em Paris, quanto do Comitê de Salvação Pública jacobino. Temendo por sua vida, ele abandona a capital em direção à cidade portuária de Le Havre, onde acaba preso e condenado ao exílio pelas autoridades locais⁶⁷. Dessa forma, em 15 de outubro de 1793 Moreau embarca para os Estados Unidos na companhia de seus dois filhos adolescentes, mas talvez não de sua esposa, que por motivos desconhecidos não consta entre os passageiros da embarcação⁶⁸. Se este tiver sido o caso, ela possivelmente voltou a ficar sob a custódia de Baudry.

Levar a cunhada em segurança para Moreau e seus filhos pode ser uma das razões prováveis para Baudry e sua família partirem no mês seguinte, no dia 9 de novembro, para a mesma jornada pelo oceano Atlântico. Mas deve-se levar em conta que em solo francês eles também podem ter se sentido sem condições de se restabelecer financeiramente por conta própria e, tal como ocorrido anteriormente na colônia, em risco de sofrer algum tipo de perseguição política. Esse último pode inclusive ter sido o destino de Arthaud, cujas circunstâncias do fim da vida não estão esclarecidas, só se sabendo que ele não acompanhou os cunhados e nem voltou a sair da França após sua última aparição nas fontes em 1792, provavelmente o ano de seu falecimento⁶⁹.

⁶⁷ Depréaux, 1924, p. 39 e 40.

⁶⁸ Há especulações de que Louise Catherine teria falecido antes do exílio de Moreau em 1793, mas a dedicatória a ela escrita por Baudry em seu livro *Les Soirées d'Hiver du Faubourg Saint-Germain* sugere que ela ainda era viva no ano de 1809.

⁶⁹ McClellan III, 2010, p. 284, 285 e 358.

Uma vez no mar, a família não teve a sorte de uma travessia tranquila, com seu navio castigado por fortes tempestades que fizeram a viagem se alongar por quase quatro meses, cujos dias finais foram marcados pela fome entre os passageiros. Tal experiência acabou se provando excruciante demais para a matriarca Louise Milhet, que faleceu logo após o trajeto entre Norfolk e a Filadélfia, cidade onde Moreau havia se fixado⁷⁰. Com ambos os genros tendo exaltado o caráter da sogra em algumas de suas respectivas obras, é de se esperar que as circunstâncias de sua morte tenham acumulado entre eles ainda mais amargor e ressentimento pelos movimentos revolucionários mais radicais da colônia e da metrópole.

Em seu novo país de residência, Baudry volta a trabalhar lado a lado com seu cunhado, dessa vez em funções diversas como balconista, livreiro e editor na livraria e tipografia multilíngue fundada por Moreau na Filadélfia, a qual logo se tornou um ponto de encontro e de contato para a comunidade francófona da cidade, formada principalmente pelos exilados da revolução haitiana e os da revolução francesa. É lá que Moreau eventualmente vai finalizar, imprimir e distribuir os dois volumes de sua célebre *Description Topographique*, entre 1796 e 1798. Neste ambiente intelectual ao mesmo tempo estimulante e de tendências conservadoras e antirrevolucionárias, presume-se que Baudry aproveitou seu acesso privilegiado à acervos e pessoas para obter e consultar diversos textos, mapas e fontes para suas obras futuras, além de compartilhar ideias e experiências com outros frequentadores⁷¹.

Em pouco tempo ele foi capaz de ganhar e economizar o bastante para deixar a casa dos Moreau e se mudar com a família para um chalé nos arredores de Washington, assim como para colocar em prática uma viagem pelo antigo território francês da Louisiana. Tal projeto foi concebido tanto para conhecer e se reconectar com os parentes distantes de sua esposa Catherine em Nova Orleans quanto para fins de pesquisa histórica, naturalista e etnográfica, campos nos quais Baudry ganhará algum destaque científico nos Estados Unidos⁷². Os resultados de tais pesquisas irão compor seus dois volumes de *Voyage a la Louisiane*, dividindo espaço com diversas outras considerações fragmentárias de sua obra perdida, como o vocabulário kikongo abordado no capítulo anterior.

Uma última atividade de Baudry durante sua estadia nos Estados Unidos merece atenção: sua associação com a *American Philosophical Society*, círculo norte-americano análogo ao *Cercle des Philadelphes*. No dia 2 de fevereiro de 1797, ele apresentou aos membros da instituição na Filadélfia uma breve memória de uma de suas pesquisas amadoras

⁷⁰ Baudry des Lozières, 1802c, p. 144; Chastenet d'Esterre, 1804, p. 273 e 274.

⁷¹ Iannini, 2012, p. 245; Johnson, S. 2018, p. 15; Sweet, 2017, p. 83.

⁷² Johnson, S. 2018, p. 15; Sweet, 2017, p. 83.

desenvolvidas em Saint-Domingue, intitulada “*Memoir on Animal Cotton, or the Insect Fly-Carrier*”, no qual desenvolve sua ideia de colocar a serviço dos colonos uma espécie de inseto até então vista como uma praga a ser combatida⁷³. Apresentado como um dos fundadores da *Société Royale* do Cabo Francês e como membro “de diversas outras academias”, Baudry também utilizou a plataforma para tratar publicamente pela primeira vez da destruição de sua obra, que voltará a ser mencionada em *Voyage a la Louisiane* alguns anos depois. Em alguns momentos ele oferece um pequeno vislumbre dos distúrbios vividos durante a revolução, o qual sem dúvida despertou grande curiosidade e interesse por parte dos ouvintes norte-americanos, ávidos por notícias sobre os eventos de Saint-Domingue.

A década de 1790 foi um período no qual a *American Philosophical Society* oferecia uma importante base institucional para diversos exilados de Saint-Domingue e da França propagarem suas visões e interpretações das revoluções ainda em curso no Caribe e na Europa. No caso de Baudry, Christopher Iannini (2012), não sem certo exagero, argumenta que sua palestra em História natural também serviu para retratar a revolução escrava em termos de uma verdadeira crise epistemológica que interrompeu de maneira fatal um iluminismo colonial florescente. Ao relatar a perda de todo seu material e se justificar por não poder apresentar um espécime do inseto discutido em cada uma das fases de desenvolvimento como faria em circunstâncias normais, Baudry define os eventos em Saint-Domingue como a destruição do conhecimento natural reunido por colonos como ele, e as reivindicações radicais dos negros como a antítese da prosperidade comercial e do avanço científico nas colônias⁷⁴.

2.3 - Obtenção de um lugar no Império, ostracismo e fim da vida:

Em meados de 1798, a deterioração das relações entre Washington e Paris, ao ponto de uma “*quasi-war*” ser travada nos mares, oferece um contexto favorável para a aprovação dos *Alien and Sedition Acts*, um conjunto de leis hostis aos imigrantes, especialmente aqueles provenientes de nações inimigas. Esse fator, somado com a mudança da conjuntura política francesa, com a queda dos robespierristas em 1794, motivou o retorno de Baudry e Moreau à França junto de suas famílias. Todas as passagens de volta foram compradas pelo último, o qual, mesmo não faturando muito com sua linha provisória de trabalho, ainda tinha um

⁷³ BAUDRY DES LOZIÈRES, Louis-Narcisse. A Memoir on Animal Cotton, or the Insect Fly-Carrier. *Transactions of the American Philosophical Society*. Vol. 5, pp. 150-159, 1802a, p. 150. Em 1799, Baudry apresentaria uma versão mais estendida desta mesma pesquisa para o Instituto Nacional de Paris, transcrita logo no início de *Second Voyage a la Louisiane*.

⁷⁴ Iannini, 2012, p. 2, 222 e 245.

rendimento financeiro maior e mais seguro que o das atividades não-especificadas exercidas por seu cunhado⁷⁵.

Ademais, a aproximação de Moreau com o influente e notório diplomata Charles Maurice de Talleyrand-Périgord, também exilado na Filadélfia e frequentador de sua livraria, proporcionou a ambas as famílias grandes oportunidades de obter cargos no estado francês quando este se tornou ministro das relações exteriores entre os anos finais do Diretório, regime político da França revolucionária entre 1795 e 1799, e a formação do Consulado encabeçado por Napoleão Bonaparte. Dessa forma, Moreau tornou-se o primeiro historiógrafo do recém-fundado departamento de História e legislação do ministério da marinha e das colônias⁷⁶. Sua criação, segundo descrição do próprio órgão feita posteriormente por Baudry, teve como objetivo:

(...) coletar os recursos históricos que dizem respeito ao mar e às colônias; para preparar materiais próprios à legislação destes territórios distantes sob a dominação francesa; para lá naturalizar, tanto quanto possível, as leis benéficas da França. É por fim uma espécie de laboratório consultivo que exige muito esclarecimento (*lumières*, no original) e trabalho. (...) O historiógrafo da marinha e das colônias é o chefe deste departamento⁷⁷.

Moreau, portanto, havia sido contratado para continuar fazendo o trabalho intelectual que já fazia, mas agora em caráter oficial para o estado francês. Baudry por sua vez obteve um cargo na tesouraria da divisão militar francesa da Itália em Nice, onde ficou de 23 de março de 1799 até 20 de janeiro de 1800, quando retornou a Paris para suceder seu cunhado na função de historiógrafo no dia 5 de março, após este ter sido nomeado conselheiro de estado⁷⁸. Em tese, Baudry também assumiu a posição para fazer o que sempre fez, embora ainda fosse um desconhecido na França sem nenhuma publicação de peso em seu currículo, diferente de seu cunhado.

Convenientemente, foi por volta desta época que se deu a publicação das duas primeiras edições de *Précis Historique*. Como já especulado, este poderia ser parte de um esforço deliberado para estabelecer o prestígio de seu antigo superior na metrópole. Em outro possível intento de criar rapidamente algum legado, desta vez no âmbito do ministério, um de seus primeiros projetos como historiógrafo foi organizar e compilar por conta própria a

⁷⁵ Johnson, S. 2018, p. 15.

⁷⁶ Baudry des Lozières, 1802b, p. 289 e 290.

⁷⁷ ANNUAIRE DES COLONIES FRANÇAISES pour l'an IX, par l'historiographe de la Marine et des Colonies in *Annuaire de la Marine et des Colonies*. Paris: Imprimerie de la République, 1801, p. 8, tradução nossa.

⁷⁸ Depréaux, 1924, p. 41.

retomada do anuário da marinha e das colônias, que não era produzido desde 1790 em meio à instabilidade administrativa por todo o império francês⁷⁹.

Além desta publicação, suas atribuições incluíram também o assessoramento do ministro em temas relacionados à História e à legislação coloniais, o que Baudry frequentemente fez por meio da elaboração de ensaios históricos e de memórias sobre temas políticos e coloniais diversos. Um total de 42 memórias originais foram produzidas apenas durante seus dois primeiros anos no cargo, com alguns meses se destacando em produtividade com a conclusão de três, quatro ou até mesmo cinco memórias diferentes⁸⁰. À luz do estilo e das temáticas de suas obras anteriores – e das vindouras – seu cargo era a oportunidade perfeita para dar vazão aos seus vários projetos intelectuais, que o ajudariam a se legitimar no âmbito do governo e dos movimentos políticos que o formavam. Os projetos que acabaram rendendo publicações independentes são os já mencionados volumes sobre a Louisiana, que lhe renderam uma filiação na Academia de Marselha devido ao dicionário kikongo⁸¹; e o famigerado *Les Égarements du Nigrophilisme*.

Um dos elementos de *Les Égarements* que mais parece chamar a atenção dos historiadores é o livro iniciar com uma dedicatória à então primeira-dama de Napoleão Bonaparte, Joséphine de Beauharnais, e sua “sensibilidade crioula”. Evidentemente houve a intenção conjunta de homenagear o primeiro-cônsul, descrito como “cercado de glória” e elogiado por deslumbrar com suas virtudes não apenas a Europa, como também a posteridade que o considerará um “prodígio no universo”⁸². De toda forma, a homenagem à futura imperatriz em si é relevante por ela representar a classe dos crioulos proprietários nas colônias. Nascida na Martinica, Joséphine nutriu uma boa relação com Moreau, seu conterrâneo, e Baudry, o qual conhecia pessoalmente. Baudry enxergava-a como o elo perfeito entre os interesses metropolitanos e coloniais dentro do império francês. E tal dedicatória foi apenas o início de uma persistente e entusiasmada devoção patriótica que o autor nutriria por Bonaparte e seu governo, especialmente perante a disposição política de retomar o controle direto de Saint-Domingue e revogar a abolição da escravidão de 1794.

Tida por Depréaux (1924) como deliberadamente arrivista, a postura bajuladora de Baudry renderia ainda a publicação de um romance em 1804 intitulado *Aithès ou le héros chéri des dieux*. Igualmente dedicado à Joséphine, o livro utiliza como protagonista uma

⁷⁹ BAJOT; POIRRE. *Annales Maritimes et Coloniales (...), Partie non Officielle, Tome II*. Paris: Imprimerie Royale, 1841, p. 870.

⁸⁰ Baudry des Lozières, 1802b, p. 257 a 289.

⁸¹ Johnson, S. 2018, p. 21.

⁸² Baudry des Lozières, 1802b, p. vj.

laudatória alegoria ao novo imperador francês. No mesmo ano, foi publicada a terceira edição do livro de Chastenet contendo a enaltecida nota biográfica sobre Baudry. É plausível supor que tais esforços tenham surtido algum efeito positivo na posição social e política do autor dentro do novo regime. O rareamento de suas aparições nas fontes a partir deste ponto, por outro lado, parece impor um limite à referida ascensão dentro dos círculos de poder da metrópole. De qualquer maneira, até o fim da década seu prestígio acabaria rumando na direção contrária.

Desde 1801, Moreau havia sido nomeado governador-geral do ducado de Parma graças ao patrocínio político de Talleyrand. Mas a sua falha em reprimir e controlar uma rebelião fez com que fosse chamado de volta à Paris em 1805, quando acabou caindo em desgraça perante o governo⁸³. Depréaux especula que este episódio tenha repercutido negativamente na carreira de Baudry. Entretanto, em um de seus manuscritos de 1808, Baudry assina como chefe do departamento central da administração geral das colônias, um cargo ainda aparentemente alto na hierarquia do estado⁸⁴, o que aponta na direção contrária desta hipótese. Isso mostra também que ele ainda pode ter sido um ator de destaque durante o desastroso teatro de guerra do Caribe contra os britânicos e seus aliados. Seja como for, o que realmente prejudicou sua carreira foi o lançamento do romance *Les Soirées d'Hiver du Faubourg St. Germain* em 1809. Mesmo sendo datado como no “ano V do reino de Napoleão-o-Grande”, o livro foi apreendido pela polícia imperial e inicialmente impedido de ser publicado por conter críticas à então política francesa de serviço militar obrigatório⁸⁵.

Não se tem informações sobre Baudry ter sofrido pessoalmente alguma retaliação legal em virtude disso, mas não é exagero supor que seu crescimento potencial na hierarquia do estado francês tenha sido abortado. É importante pontuar que a derrota definitiva da França no Haiti e nas Américas como um todo entre 1804 e 1810 retirou a atenção da França sobre essa parte do mundo pelo menos até o fim das guerras napoleônicas, quando a presença francesa na região já não era mais tão estratégica ao país quanto antes. Sua dispensabilidade e inabilidade política, entretanto, não significaram o fim de seu serviço público. Este se manteve por muitos anos, mesmo forçosamente estagnado em funções reduzidas, burocráticas e de menor prestígio. Dos seus muitos manuscritos não publicados, um dos últimos,

⁸³ JOHNSON, Sara E. Moreau de Saint-Méry: Itinerant Bibliophile. *Library & Information History*. Vol. 31, No. 3, pp. 171-197, 2015, p. 173.

⁸⁴ BAUDRY DES LOZIÈRES, Louis-Narcisse. Le Guide de la Marine & de l'Administration Générale des Colonies In *Papiers de Louis-Narcisse Baudry des Lozières (1751-1841). XVIIIe et XIXe siècles. II Mémoires et pièces historiques sur les colonies françaises*. [s.l.: s.n.], [18--].

⁸⁵ FIRMIN-DIDOT, Hyacinthe. *Nouvelle Biographie Universelle depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours avec les renseignements bibliographiques et l'indication des sources à consulter*.

intitulado *La Glossa-Polygène, essais polyglottes, ou l'Ami du voyageur* (não datado), o credita como secretário-tradutor do ministério da guerra, um notável recuo hierárquico de suas funções anteriores. O mesmo documento também se refere ao autor pela patente de general, um título obtido longe do campo de batalha, provavelmente durante sua supervisão da queda sucessiva das possessões francesas do Caribe.

Já Moreau de Saint-Méry, antes o sustentáculo financeiro e político de sua família e da de Baudry depois de Saint-Domingue, passou seus anos finais num estado de “nobre pobreza” após 1805. Obteve uma modesta pensão do estado graças à imperatriz Joséphine. Mas o benefício não parece ter ido além da permanência de Napoleão no poder, visto que já em 1817 ele teve que se desfazer de todo o seu impressionante acervo de livros, mapas e arquivos para se sustentar. Este foi comprado diretamente por Luís XVIII e serviu de base para a fundação dos *Archives Nationales d'Outre Mer*⁸⁶. Moreau faleceu dois anos depois.

Talvez por conta desta situação familiar, Baudry aposentou-se somente em 1826, aos 75 anos⁸⁷. Isso foi um ano após obter o título honorífico de marechal de campo, o que não parece ter tido impacto significativo na magra aposentadoria de burocrata⁸⁸ que recebeu pelo resto de seus dias. Algumas de suas últimas aparições nas fontes em vida foram em 1819 e 1821, com seus discursos em eventos da ordem dos cavaleiros do Santo Sepulcro de Jerusalém, da qual fez parte. Sabe-se também que foi apoiador da revolução de julho de 1830 que conduziu Luís Filipe da casa de Orléans ao trono francês, tendo o conhecido pessoalmente enquanto ambos estiveram na Filadélfia. Há muito distante de qualquer notoriedade política ou intelectual, Baudry faleceu com 90 anos no dia 29 de julho de 1841, aos cuidados de sua filha⁸⁹. Louise Marie Amélie Eléonore, por sua vez, nunca se casou e tampouco teve filhos, encerrando a linhagem dos Baudry des Lozières com sua morte em agosto de 1862⁹⁰.

2.4 - O legado de silenciamentos de Baudry des Lozières

O ostracismo dos anos finais de Baudry oferece um curioso contraste com o período entre sua atuação como comandante dos *Crête-Dragons* e as publicações de seus principais

⁸⁶ Johnson, S. 2015, p. 173.

⁸⁷ COMPTÉS GÉNÉRAUX présentés par le Ministre Secrétaire d'État de la Guerre pour l'Exercice 1832. Paris: Imprimerie Royale, 1834, p. 302.

⁸⁸ Segundo a tabela de pensionistas do Ministério da Guerra, Baudry recebia 1.800 francos mensais na ocasião de sua aposentadoria no cargo de *commis* (equivalente a atendente, um agente administrativo subalterno), com um adicional anual de 705 francos de indenização temporária, um montante relativamente baixo em comparação com outros funcionários na mesma função.

⁸⁹ Bajot; Poirré, 1841, p 870 e 871.

⁹⁰ DÉCÈS ET INHUMATIONS. Le Temps n° 478, Paris, 16 de agosto de 1862.

livros e da biografia de Chastenet. Durante este intervalo, ele parecia estar em boa posição para obter um papel de destaque na História de Saint-Domingue por suas ações como ator histórico no passado e como narrador no presente. Afinal, não faltaram esforços e poder arquivístico dele e de seu círculo social mais próximo para que isso ocorresse. Mas eles se mostraram insuficientes, especialmente diante dos erros cometidos por Baudry.

Ainda que o atual esquecimento dispensado tanto à sua pessoa quanto às suas obras tenha prevalecido desde os tempos em que ele ainda era vivo, sua falha em espalhar sua mensagem foi muito menor do que a de se estabelecer como ator histórico importante. Em *Les Égarements* e suas demais publicações, Baudry ajuda a impulsionar um bem-sucedido esforço de silenciamento histórico da Revolução Haitiana, do Haiti e dos africanos e seus descendentes. E prova deste sucesso é que os princípios chave da filosofia política que se tornaram explícitos em Saint-Domingue e em seguida pelo Haiti a partir de 1791 e 1804 não foram aceitos pela opinião pública mundial até depois da Segunda Guerra Mundial⁹¹. Para compreender o que é este processo e como ele ocorre, recorreremos à teoria desenvolvida pelo antropólogo haitiano Michel Trouillot.

Segundo Trouillot, por muito tempo o poder não era visto pela posição positivista, predominante por muito tempo entre os historiadores ocidentais, como um elemento problemático ou relevante dentro da construção de narrativas. A História sob este ponto de vista tendia a ser sobre poder e sobre aqueles que venceram, deixando incontáveis rastros de silêncios pelo caminho. O poder e o silêncio entram no processo de produção histórica em quatro momentos cruciais: na criação de fatos, ou estabelecimento de fontes; na organização dos fatos, ou no estabelecimento de arquivos; na recuperação destes fatos, ou o estabelecimento de narrativas; e no momento de significação retrospectiva, ou seja, a escrita da História em si⁹². E Baudry esteve, em alguma medida, presente em todas estas etapas no caso da História da revolução haitiana.

O silenciamento histórico da revolução haitiana se deu pelo poder desigual na produção de fontes e arquivos, de modo que a insignificância do evento já estava inscrita independente do que estes revelassem. Trouillot então conclui que a revolução entrou para a História com a característica de ser impensável mesmo que houvesse de fato ocorrido. Visões como a de que os africanos escravizados e seus descendentes não podiam imaginar liberdade, quanto mais formular estratégias para ganhar e manter tal liberdade, foram baseadas menos

⁹¹ Trouillot, 1995, p. 88. O grande marco para esta mudança epistemológica na interpretação da história do Haiti foi a publicação da obra *Jacobinos Negros* (1938), do historiador trindadiano C.L.R. James.

⁹² Id., p. 5 e 26.

em evidências empíricas do que em uma ontologia, uma organização implícita do mundo e seus habitantes. Debates oficiais e publicações do período, como as de Baudry, revelam uma dificuldade dos observadores contemporâneos em entender a revolução em curso nos seus próprios termos. Notícias e relatos eram lidos por meio de categorias pré-existentes, e estas eram incompatíveis com a ideia de uma revolução de escravizados. Especialmente no caso de ex-colônias como o Haiti, tais concepções foram moldadas profundamente por procedimentos e convenções europeias.⁹³

Mas é fundamental ressaltar que, se as desigualdades vividas resultam em poder histórico desigual, a forma como um se transmite para o outro ocorre de maneiras impossíveis de se determinar. Afinal, a distribuição do poder histórico não necessariamente replica as desigualdades vividas pelos atores, e ela tampouco é uma reflexão direta das ocorrências passadas. Ou seja, o desfecho por si só não determina em nenhuma maneira linear como um evento ou uma série de eventos entrará para a História⁹⁴. E o exemplo de Baudry ilustra isso perfeitamente.

Dentre as razões prováveis para sua ausência de reconhecimento, nenhuma parece mais crucial, e ao mesmo tempo mais fora do controle de Baudry, que o fato da França não ter sido o lado vencedor da Revolução Haitiana. O mundo no qual ele tinha condições de se tornar um herói e uma referência simplesmente desapareceu em decorrência disso, irremediavelmente destruído para dar lugar a uma nova sociedade. Saint-Domingue não existia mais no presente para poder olhar para trás. Esse exame passou a ser possível somente através dos olhares menos interessados do Haiti independente e da França pós-guerra, e em nenhum deles a história e a História de Baudry despertaram grande curiosidade. Ironicamente, a Revolução que ele ajudou a silenciar no fim das contas também contribuiu para silenciá-lo de volta. Foi ela que progressivamente eliminou qualquer chance de que Baudry tivesse um monumento em sua homenagem, de que sua *Encyclopédie Colonial* fosse concluída, de que suas ideias de leis expostas em *Les Égarements* fossem contempladas, e de que sua *expertise* continuasse em demanda no Estado francês. Enquanto seu esforço foi intencional e derivou todo o possível de sua posição de poder, as forças na direção contrária foram contingenciais, inconscientes e imprevisíveis.

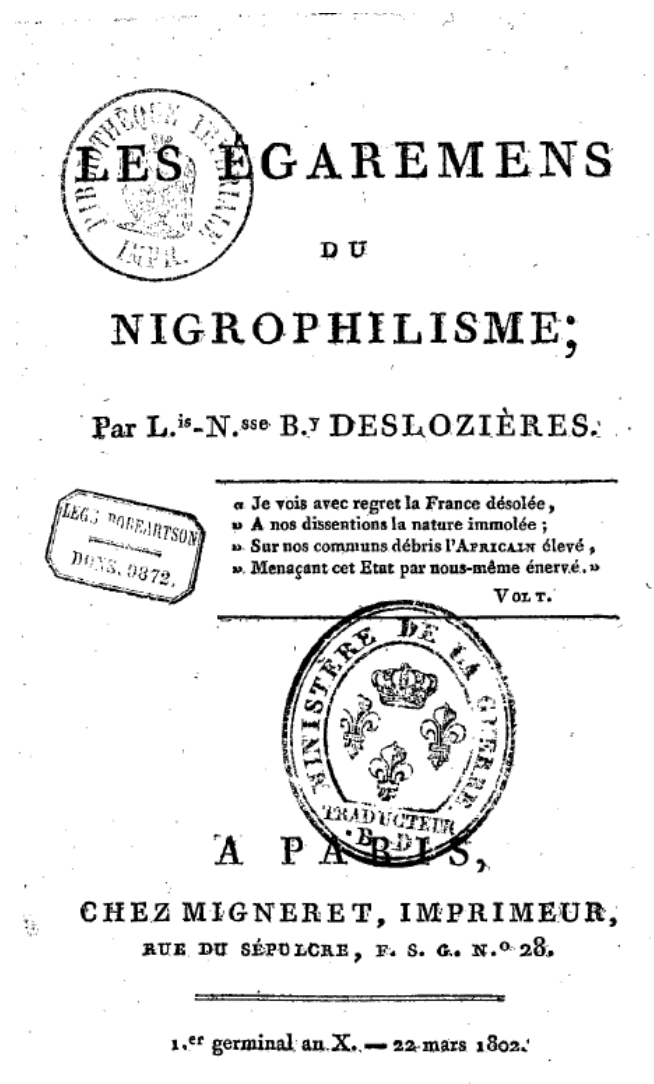
⁹³ Trouillot, 1995, p. 67, 73, 81.

⁹⁴ Id., p. 47 e 48.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DO LIVRO *LES ÉGAREMENS DU NIGROPHILISME*

Em uma tradução literal, *Les Égaremens du Nigrophilisme* (com a grafia ligeiramente diferente do atual termo francês, *égarements*) significa “Os Devaneios do Negrofilismo⁹⁵”, com “devaneios” tendo uma conotação de delírios, de insânia e de desorientação. Erica Johnson (2018) também sugere a tradução “As Aberrações do Negrofilismo” para o livro⁹⁶. A escolha do autor por “*nigrophilisme*”, com o sufixo “ismo” denotando uma filosofia ou um movimento, mostra sua intenção de agrupar todas as vozes antiescravistas na França e no Caribe dentro de uma única organização maliciosa.

Figura 4 - Frontispício do livro *Les Égaremens du Nigrophilisme*.



Fonte: Baudry des Lozières, 1802b, p. III.

⁹⁵ Apesar de constar em outros idiomas como o espanhol e o italiano, “negrofilismo” não é um termo reconhecido nos dicionários de português.

⁹⁶ Johnson, E. 2018, p. 84.

Baudry foi uma das primeiras pessoas a utilizar a palavra “negrófilo”, havendo mesmo margem para especular que foi ele quem cunhou este termo que no futuro também daria origem ao antônimo “negrófobo” e aos correspondentes “negrofilia” e “negrofobia”, ainda que nenhum destes esteja presente em seu livro. Sara Johnson (2018) argumenta que o uso que Baudry faz do conceito “negrófilo” é melhor traduzido para o inglês como “*nigger loving*”, num sentido mais pejorativo e odioso que simplesmente “*lovers of black people*” (amantes/admiradores dos negros)⁹⁷. Veremos adiante que há muitas razões para acreditar que pensar a tradução em português com este significado é a maneira mais adequada e precisa de transmitir as ideias e intenções do autor.

3.1 - Publicação, alcance e possíveis influências

Les Égaremens foi publicado em Paris no dia 22 de março de 1802, no embalo do sucesso de *Voyage a la Louisiane*. Mesmo com um intervalo tão curto entre estes lançamentos, Baudry não recorreu aos mesmos editores e tipógrafos. Sua escolha para este livro foi a prensa de Mathieu Migneret. Além de distribuir *vaudevilles*, óperas e obras de teatro, ele já havia obtido bastante lucro com livros políticos de cunho conservador ou reacionário. *Du Fanatisme dans la langue révolutionnaire* (1797), de Jean-François de La Harpe; e *Le Génie du christianisme* (1802), de François-René de Chateaubriand, foram alguns dos grandes títulos publicados por ele, este último lhe rendendo tantas vendas que mal conseguiu suprir a demanda⁹⁸. Os bons números do último livro do historiógrafo da marinha devem ter animado Migneret com a perspectiva de mais um êxito literário, mas logo a publicação se tornou um inconveniente devido às suas baixas vendas, a ponto do editor questionar Baudry em correspondência sobre como ele iria sustentá-la financeiramente⁹⁹.

O baixo interesse do público na obra, justificada talvez por seu estilo de escrita moroso, confuso e desorganizado, não significou que não tenha havido uma grande demanda pela propagação das ideias contidas no livro. O golpe do 18 de brumário e a promulgação da constituição de 1799 foram eventos que propiciaram a reorganização de determinados grupos de pressão que haviam sido enfraquecidos nos anos anteriores, como aqueles que formaram o antigo *Club Massiac*. O prosseguimento da revolução escrava em Saint-Domingue garantiu que uma grande leva de colonos e administradores coloniais buscasse refúgio na França e ali

⁹⁷ Johnson S. 2018, p. 13.

⁹⁸ HESSE, Carla. *Publishing and Cultural Politics in Revolutionary Paris, 1789-1810*. Los Angeles: University of California Press, 1991, p. 198.

⁹⁹ BIANCARDINI, Baptiste. L'opinion coloniale et la question de la relance de Saint-Domingue 1795-1802. *Annales Historiques de la Révolution Française*. Vol. 382, No. 4, pp. 63-80, 2015, p. 79.

propagasse visões crescentemente desfavoráveis à causa da liberdade negra e da igualdade racial¹⁰⁰. As ideias dos tempos do *Club Massiac* encontraram novas vozes, logo unidas em torno do objetivo de reconquistar Saint-Domingue e restaurá-la ao seu esplendor pré-1789, cada vez mais visto como incompatível com o trabalho livre. Para isso, seria necessário articular o apoio do governo de Napoleão à uma grande expedição militar transatlântica, e o da opinião pública francesa à causa dos colonos despojados¹⁰¹.

Baudry foi apenas um dos autores de uma corrente de argumentação favorável à necessidade de se restabelecer o trabalho escravo em Saint-Domingue e nas demais colônias. Igual ele, a maior parte desta literatura também considerou o tráfico de escravos e a desigualdade racial como componentes imprescindíveis para a restauração e o bom funcionamento da estrutura colonial francesa. Em seu artigo, Baptiste Biancardini (2015) lista os principais livros e panfletos publicados na França entre 1795 e 1802 que ajudaram a estabelecer as justificativas políticas, econômicas e morais utilizadas por Paris durante sua tentativa de reverter a revolução em curso em Saint-Domingue.

Destes autores, muitos recorreram ao anonimato (como os de *De l'esclavage des nègres, et de l'état actuel de nos colonies* e *De la nécessité d'adopter l'esclavage en France*, ambos de 1797; e *Aperçu sur les intérêts des colonies françaises...*, 1802) ou ao uso de pseudônimos como Gros (*De l'affranchissement des noirs, ou Observations sur la loi du 16 pluviôse*, 1796), Chotard (*Origine des malheurs de Saint-Domingue, développement du système colonial, et moyens de restauration*, 1798) e C. Belu (*Des colonies et de la traite des nègres*, 1800). Dos que assinaram suas obras, todos foram proprietários de terras e de escravos em Saint-Domingue, como René-Ambroise Deaubonneau (*Un mot sur les colonies françaises et particulièrement sur Saint-Domingue*, 1800), Charles Esmangart (*Des Colonies françaises et en particulier de l'île de Saint-Domingue*, 1801), Pierre-Victor Malouet (*Collection de mémoires et correspondances officielles sur l'administration des colonies...*, 1802), Jean Barré de Saint-Venant (*Des colonies modernes sous la zone torride et particulièrement de celle de Saint-Domingue*, 1802) e Félix Carteau (*Soirées bermudiennes, ou entretiens sur les événements qui ont opéré la ruine de la partie française de l'île de Saint-Domingue*, 1802).

Se dentre estas obras não podemos destacar *Les Égaremens* por sua qualidade, originalidade e alcance, Baudry ainda se destaca como um dos nomes mais vinculados ao

¹⁰⁰ Biancardini, 2015, p. 64.

¹⁰¹ SERNA, Pierre. Como animales: Historia política de los animales durante la Revolución Francesa (1750-1840). Saragoça: Prensa de la Universidad de Zaragoza, 2019, p. 315 e 316.

estado francês naquele momento. Consequentemente, o livro pode ser encarado como um produto de seu serviço público como historiógrafo. Não se pode ignorar também que foi elaborado em cima de informações privilegiadas sobre as verdadeiras intenções de Paris com a expedição militar que desembarcou em Saint-Domingue pouco antes de sua publicação.

Sua linha argumentativa em *Les Égarements*, como veremos, não era nova e nem original. Somando à possível inspiração nos trabalhos semelhantes mencionados há pouco, outras pessoas já utilizavam alguns de seus argumentos anos antes. Por exemplo, um panfleto do colono Tanguy de la Boissière, que circulou por Saint-Domingue em 1789, já defendia o ponto de vista de que qualquer reforma colonial deveria seguir na direção do “tudo para o latifundiário”. Ainda de acordo com ele, tais sociedades deveriam ser formadas apenas por senhores e escravizados, estes últimos devendo servir como instrumentos de cultivo e nada mais. A existência de qualquer parcela intermediária entre as duas classes representaria um entrave ao pleno potencial econômico dos trópicos.

Ideias gestadas no âmbito do *Club Massiac* também podem ter sido influências importantes, como o panfleto do marquês de Rouvray intitulado *L'État des Nègres*, também lançado em 1789¹⁰². Outro membro da organização, Antoine de Barnave, ajudou a dar tração na assembleia constituinte à noção de que uma grande parcela da indústria e do comércio da França desapareceria se a estabilidade das colônias fosse comprometida, e de que a qualidade da marinha e dos marinheiros franceses também dependia delas. Ademais, ele partia do princípio de que apenas os colonos e comerciantes com alguma experiência no Caribe estavam aptos a julgar o que era melhor para a região¹⁰³. Mesmo que Baudry tenha criticado nominalmente Barnave em *Les Égarements* e o colocado no mesmo patamar que Jacques Pierre Brissot e Maximilien Robespierre como responsáveis pelo caos no império francês, ironicamente o autor ainda defende os mesmos exatos argumentos que ele no livro. Por fim, seria imprudente descartar a grande influência exercida por Moreau, com quem não é exagero supor que Baudry debatia e compartilhava ideias e rascunhos regularmente. Dentre os tópicos defendidos por ele estava a necessidade de leis particulares para as colônias, pois estas possuíam diferenças naturais, econômicas e raciais fundamentais com a metrópole e portanto não poderiam ser governadas sob os mesmos princípios¹⁰⁴.

3.2 - Estrutura do livro

¹⁰² Dubois, 2004, p. 76, 82 e 83.

¹⁰³ LIÉBART, Déborah. Un groupe de pression contre-révolutionnaire: le Club Massiac sous la Constituante. *Annales Historiques de la Révolution Française*. Vol. 354, No. 4, pp. 29-50, 2008, p. 39 e 40.

¹⁰⁴ Dubois, 2004, p. 82.

Baudry dividiu *Les Égaremens* em dois fragmentos principais, precedidos por uma já mencionada “epístola dedicatória” à Joséphine de Beauharnais e um prefácio. Estes mesmos fragmentos são sucedidos por uma lista nominativa de todas as memórias produzidas por ele relacionadas aos assuntos coloniais e um post-scriptum. Descontando o longo sumário ao fim da obra e a página de errata, o livro possui um total de 317 páginas de texto, com 255 delas pertencentes ao primeiro fragmento e apenas 67 ao segundo. Não há propriamente uma divisão temática ou qualquer outro critério ordenando o fluxo de ideias, com o próprio autor confessando que, neste livro, “a pluma do coração” expressiu seus pensamentos conforme eles se apresentavam, sem rendê-lo “escravo de uma ordem mais metódica”¹⁰⁵. Ainda assim, a primeira e mais longa parte do livro se destaca por concentrar os tópicos mais importantes para este trabalho, que se ocupará principalmente dela.

Um dos objetivos do livro declarado no prefácio é o de alertar sobre a realidade nas colônias as pessoas distantes e ignorantes dela, que segundo ele vivem cegas no próprio conforto e felicidade que a Europa proporciona, achando cansativas as terríveis notícias vindas do Caribe¹⁰⁶. Para lhes ganhar a atenção, Baudry se propõe a tornar o mais suportável possível tal leitura, evitando recorrer às imagens de violência que marcaram e seguiriam marcando a literatura sobre a revolução haitiana. O autor considerou que as circunstâncias da época tornavam seu relato mais importante que nunca. É por este motivo também que justificou acrescentar ao primeiro fragmento uma seção de reflexões ulteriores, de 14 páginas, e outra de notas indispensáveis para aqueles que leram as páginas precedentes, com 83 páginas divididas entre 27 notas de extensão variada. Tais seções seriam necessárias para não fatigar o leitor com uma “tristeza sepulcral” que convinha apenas àqueles realmente infelizes: os colonos despojados de Saint-Domingue.

Ressaltando seu desejo de contribuir para o restabelecimento das colônias, Baudry justifica o segundo fragmento por sua utilidade potencial ao futuro delas após o esperado sucesso da França neste esforço. Aqui o autor reconhece que não tem o poder de decidir nada, apenas o de propor e deixar à sabedoria dos líderes franceses a necessidade de apreciar suas ideias. De acordo com ele, naquele momento Saint-Domingue se encontrava diante dos olhos de toda a Europa, pois sua estabilização teria força suficiente para encerrar as inquietudes em todas as outras colônias da região, que tendem a seguir seu exemplo.¹⁰⁷

¹⁰⁵ Baudry des Lozières, 1802b, p. 92.

¹⁰⁶ Id., p. xiiij.

¹⁰⁷ Ibid., p. xiv a xvj.

Intitulado como *Les entretiens d'un fils avec l'ombre de son père* (as conversas de um filho com a sombra de seu pai), o primeiro fragmento do livro é escrito como um monólogo de Baudry voltado ao mesmo tempo para o leitor interessado nos temas coloniais e para o túmulo de seu pai. O falecimento de Pierre Baudry des Lozières se deu em 1791, quando este tinha 86 anos, coincidindo com o início dos infortúnios de seu filho. O estado de melancolia e ressentimento resultante da sequência do luto, dos ferimentos, do despojamento, do exílio e das dificuldades inspiraram o tom geral de suas obras pós-Saint-Domingue. Mesmo tão emocionalmente e materialmente envolvido na questão, Baudry introduz o fragmento com a promessa de que escreve com a maior imparcialidade e desinteresse, um artifício comum em seus textos¹⁰⁸.

Baudry, entretanto, parece alheio à contradição de reforçar sua suposta imparcialidade dizendo possuir 25 anos de experiência no tema como colono e senhor de escravos. Tal vivência é contrastada por ele com a dita ignorância daqueles que são contrários à escravidão sem nunca terem saído da França e tampouco visto uma pessoa negra com os próprios olhos. De acordo com o autor, o apoio à abolição foi arquitetado por homens perversos que precisavam ser desmascarados o quanto antes por enganar os menos informados no assunto com um charlatanismo disfarçado de humanidade e filantropia. São **eles** que Baudry classifica como negrófilos. Seguindo esta visão, a escravidão só era interpretada como uma monstruosidade pela Europa porque não seria verdadeiramente conhecida por lá¹⁰⁹.

A partir de tais premissas podemos afunilar a tese do livro em um núcleo argumentativo com quatro pontos principais. Sem uma ordem específica de importância, eles consistem em: a) denunciar os abolicionistas ora como desinformados, ora como mal intencionados; b) provar, a despeito da literatura abolicionista, que a escravidão é benéfica não apenas para o europeu, como também para o africano; c) demonstrar a suposta inferioridade moral e intelectual dos negros, que só podia ser atenuada no âmbito do sistema escravista; d) defender a inculpabilidade dos colonos no contexto revolucionário de Saint-Domingue, do qual seriam as maiores vítimas mesmo que atuassem, à luz dos três pontos anteriores, para o bem geral da Europa, da África e da América.

3.3 - “A arte do bem falar e do mal agir”: o caso contra o abolicionismo

A análise do livro se iniciará pelo tópico do abolicionismo por considerar que ele e seus agentes indubitavelmente foram seus alvos principais, figurando em seu título sob o

¹⁰⁸ Baudry des Lozières, 1802b, p. 2.

¹⁰⁹ Id., p. 3 a 5.

guarda-chuva do “negrofilismo”. O foco do autor é o movimento francês pela liberdade dos negros em suas esferas intelectual e política, embora também haja ocasionalmente ataques mais amplos que contemplam os abolicionistas anglo-saxões.

Uma camada relevante para compreender a complexa utilização do termo *negrófilo* por Baudry é que ela é feita com um certo grau de ironia. Isso porque ele não é empregado exclusivamente para se referir aos abolicionistas. Em um argumento que será explorado na subseção adiante, o autor descreve os precursores do tráfico transatlântico de escravos como a “primeira sociedade natural dos *negrófilos*”, e, até a publicação do livro, também a “mais razoável”. Tendo em vista que à luz de sua defesa do tráfico negroiro Baudry o considera benéfico e humanitário para os africanos, os primeiros traficantes e senhores de escravos também são vistos por ele como “amantes dos negros”, no sentido de se importar com o destino dos africanos. É com base nisso, por exemplo, que Baudry pessoalmente se considera mais amigo dos povos da África que os *negrófilos* modernos¹¹⁰. Os abolicionistas de fins do século XVIII seriam nessa visão apenas a ramificação mais recente desta corrente, porém uma que transforma seu amor ao negro numa filosofia nociva aos interesses e ao bem-estar de todos os envolvidos na operação atlântica. Esta filosofia seria o *negrofilismo*.

Fora estes raros momentos nos quais estica o conceito, Baudry permanece o restante do livro com os abolicionistas em mente ao utilizar o termo *negrófilo*, sempre com uma conotação negativa. Ao supor brevemente a existência de *negrófilos* de boa fé, o autor logo dispensa levá-los a sério por estarem ingenuamente iludidos, tendo “acendido sua imaginação com o fogo frequentemente enganoso do desejo”. Com efeito, Baudry não se convence verdadeiramente da possibilidade de boa fé por parte deles, afirmando que quanto mais estuda a literatura abolicionista, mais duvida de sua sinceridade¹¹¹. Certamente, a cínica e imprudente insistência em mentir sobre o que supostamente desconhecem só poderia ser justificada por propósitos maliciosos. Eis aí mais uma inconstância do autor: ele nunca chega a uma conclusão definitiva sobre se os abolicionistas agem por ignorância dos fatos ou se são deliberadamente mal intencionados, oscilando entre as duas premissas por todo o livro.

Quando parte do princípio do engano, Baudry tende a justificá-lo pela grande distância entre a metrópole e as colônias. O quadro constantemente projetado por ele é o de um intelectual parisiense trancado em seu palacete, tecendo seus raciocínios sobre colônias a milhares de quilômetros dele enquanto consulta apenas sua própria imaginação. Seu discurso produzido nestas circunstâncias então procederá a ser lido por uma multidão de homens

¹¹⁰ Baudry des Lozières, 1802b, p. 26 e 111.

¹¹¹ Id., p. 52 e 98.

simples que da mesma forma nunca viram ou estiveram nestes lugares e, portanto, possuem ainda menos recursos para distinguir a realidade da ficção. Muito pior que isso, tal discurso eventualmente adquire alcance nas próprias colônias, onde os negros inevitavelmente ouvirão falar do conceito de liberdade geral aos escravos e entenderão que os senhores são seus inimigos e que, uma vez livres, jamais terão que trabalhar novamente¹¹².

Esta dita ignorância, entretanto, não se limitava aos assuntos longínquos. Em demonstrações constantes de sua própria hipocrisia e da distância entre sua lógica e sua conduta, o abolicionista imaginado por Baudry, o qual diz com tanto vigor se preocupar com as condições e os direitos de negros que nunca viu, age com cegueira diante de sofrimentos semelhantes à sua volta. Aqui o autor se refere basicamente a três grupos.

O primeiro deles é o dos próprios colonos, naquele instante sendo massacrados em Saint-Domingue ou em situação de penúria na França. Não apenas os abolicionistas nunca se solidarizaram com seu infortúnio, como o teriam incentivado em episódios como a infame declaração de Robespierre em 1791 de que seria preferível que pudessem as colônias no lugar de um princípio¹¹³. O segundo grupo é o dos criados e empregados domésticos, os quais, para Baudry, de escravos muitas vezes só não tinham o nome, com o autor alegando ter testemunhado tratamentos revoltantes dispensados a eles por abolicionistas na Europa. Por fim, o último grupo é o dos marinheiros, que na visão do autor vivem sob uma disciplina mais rígida que os escravos, sendo igualmente açoitados por seus erros. A diferença seria que, enquanto o escravo seria advertido inúmeras vezes antes de sua punição, o marinheiro era punido imediatamente. Da mesma forma, quando o escravo era punido, normalmente seria por circunstâncias que já teriam feito o marinheiro ser condenado à morte¹¹⁴. “Quem é o filantropo que teve a coragem de falar em favor deles?”, perguntava Baudry, que também nunca escreveu pela melhora da situação dos empregados domésticos e dos marinheiros.

No que tange à dita falsa empatia do abolicionismo, Baudry encontra nos *quakers* norte-americanos um grande exemplo a ser mencionado. Nos Estados Unidos, repleto de “amantes da liberdade e republicanos zelosos”, à época ainda se comprava e se vendia escravos, mesmo na Filadélfia. Contrários à escravidão, os *quakers* não obstante seriam compradores e vendedores “do tempo e da liberdade” de muitos homens, não apenas negros (livres), como também brancos estrangeiros (irlandeses, alemães) e nacionais. Baudry não deixa claro ao que ele se refere neste ponto específico, se se trata de contratos de trabalho

¹¹² Baudry des Lozières, 1802b, p. 5, 52, 65, 67 e 226.

¹¹³ Id., p. 5 e 25; Dubois, 2004, p. 88.

¹¹⁴ Ibid., 1802b, p. 63 e 64; 93 a 95.

abusivos ou da venda literal de pessoas. A confusão existe porque o autor menciona um episódio no qual ele teria comprado por pena uma jovem moça de magistrados *quakers*, tendo depois a humanidade de libertá-la, algo que eles só fariam se existisse algum interesse material envolvido. Ademais, Baudry menciona que os mestres *quakers*, além de serem os mais difíceis de servir, não possuem escrúpulos em separar pais e filhos em tais vendas, o que, para ele, nenhum senhor de escravos francês faria¹¹⁵.

Para o autor, era esse sistema de liberdade que Brissot tanto admirava. Fundador da *Société des Amis des Noirs* e um dos principais líderes “girondinos” da Revolução Francesa (o termo “girondinos”, invenção dos historiadores, era inexistente na Revolução Francesa, de modo que o grupo, à época, era conhecido como brissotinos¹¹⁶), Brissot é uma das poucas personalidades mencionadas nominalmente por Baudry em seu livro, assim como a mais atacada. Ele aparece junto dos já mencionados Robespierre e Barnave, além do antigo prefeito revolucionário de Paris, o astrônomo Jérôme Pétion de Villeneuve. Enquanto Robespierre é retratado como maior responsável pelos desastres na metrópole durante sua “dominação ímpia” que foi uma “escravidão” para os franceses, o girondino seria o grande culpado pela destruição ainda em curso nas colônias, recebendo portanto o maior número de ataques.

Baudry, por alguma razão, nunca menciona outros nomes tão ou mais envolvidos com o ato da abolição em Saint-Domingue que Brissot. Por exemplo, os comissários civis Léger-Félicité Sonthonax e Étienne Polverel, que a decretaram antes do consentimento de Paris; ou líderes mestiços pela igualdade racial com os brancos, como Raimond, Pinchinat e Rigaud. Talvez o autor tivesse preferência por atacar somente aqueles que já estavam mortos há vários anos e que tivessem sido parte de organizações que igualmente não existiam mais, como os Jacobinos e a *Société des Amis des Noirs*.

De qualquer forma, a omissão mais marcante do livro segue sendo a dos principais comandantes revolucionários negros, como Louverture, Georges Biassou, Jean-François Papillon, Jean-Jacques Dessalines e Henry Christophe, que não são citados uma única vez. E isso não se deu por desconhecimento de Baudry, que chegou a produzir como historiógrafo uma memória voltada unicamente para examinar os “chefes” atuais de Saint-Domingue, que dominariam a colônia “unicamente pela força”. Na descrição desta mesma memória, que contém uma tabela dos “horrores cometidos por tais agentes”, o autor justifica a intencionalidade deste apagamento com a necessidade de “esquecer seus nomes pela honra da

¹¹⁵ Baudry des Lozières, 1802b, p. 83 a 85.

¹¹⁶ Carvalho, 2020, p.115-116.

humanidade”. Combinando esse esforço com a descrença do autor de que os negros fossem agentes capazes de pensar e conduzir o processo revolucionário em curso na colônia por conta própria, a culpa destes eventos recairia unicamente sobre os abolicionistas na Europa, que incitaram com suas falsas promessas as paixões violentas supostamente naturais aos africanos e seus descendentes¹¹⁷.

Já quando parte do princípio da má fé, Baudry o conduz para três direções diferentes. A primeira seria o mal causado aos próprios negros, de quem os abolicionistas nunca foram aliados de verdade porque jamais se disporiam a prover pela saúde, alimentação e moradia individual ou coletiva dos africanos por décadas como faziam os senhores de escravos. Somente eles, “pelo puro prazer de fazer o bem”, assumiriam a responsabilidade de sustentar mesmo os negros inaptos para o trabalho, como as crianças, os idosos, os inválidos e os recém-chegados da África em processo de aclimação. Os abolicionistas, por outro lado, depois de enganar os negros com sucesso estariam satisfeitos em explorá-los em seus anos mais produtivos via trabalho assalariado, para depois abandoná-los à mendicância e ao crime. Para o autor, após se darem conta de que precisariam trabalhar para se sustentar, como se já não o fizessem antes, os ex-escravizados seriam incapazes de prover para si próprios ou de poupar seus ganhos. E uma vez tomados pelo inevitável espírito da rapina, eles teriam os brancos como alvos principais por serem “os que mais trabalham”¹¹⁸.

Dessa forma, no fim das contas os abolicionistas serão os verdadeiros carrascos dos negros pelos infortúnios que causariam a eles não só na América como também na África, onde gerações sucessivas seriam abandonadas aos “horrores da superstição, da ignorância e da irreligiosidade” e da “verdadeira escravidão” em nome da liberdade absoluta de uma única geração do outro lado do mundo. Baudry assim os desafia a propor aos negros na colônia que retornem à África, garantindo que a resposta será sempre negativa, pois foi o retorno que obteve ao inquirir ele mesmo inúmeros escravizados a respeito¹¹⁹. A promessa abolicionista de felicidade via liberdade teria sido então uma mentira muito bem dissimulada por floreios retóricos, o que nos leva à segunda direção tomada pelo autor.

Cientes da fraqueza e da falsidade de seus argumentos, os abolicionistas necessariamente precisam camuflá-lo em várias camadas de amenidades, firulas e raciocínios complexos para enganar seu público. Não por acaso, o autor descreve a filosofia, em cujas ramificações reside o abolicionismo, como nada mais que a arte do bem falar e do mal agir,

¹¹⁷ Baudry des Lozières, 1802b, p. 105 e 259.

¹¹⁸ Id., p. 32, 33, 46 e 50.

¹¹⁹ Ibid., p. 44, 97 e 110.

reforçando sua postura como anti-filósofo convicto. Mas Baudry se anima com o fato de que tais “romances”, ainda que possuam a capacidade de capturar os homens simples na metrópole e na colônia, nunca seduzirão nem os homens sensatos que não julgam por belas expressões, e tampouco as pessoas que tenham experiência direta com os temas tratados, evidentemente enxergando a si mesmo como parte destes dois grupos¹²⁰.

Finalmente, a terceira direção da suposta má fé abolicionista se aproxima da sabotagem pura e simples da economia colonial francesa. O autor evita fazer esta acusação diretamente, mas ela segue implícita. Por exemplo, com o fim da escravidão e do tráfico de escravos, toda a manufatura das regiões tropicais estava fadada a perecer, relegando à miséria e ao desespero dezenas de milhares de trabalhadores, marinheiros e pais de família por todo o Atlântico. Em última análise, a intenção secreta do estratagema abolicionista para Baudry parecia ser o de transformar o negro em branco, ao elevá-lo a um status político desmerecido; e o branco em negro, ao rebaixá-lo a uma indignância injusta¹²¹.

A súbita obrigação de pagar um salário aos antigos escravizados não apenas faria as propriedades rurais deixarem de ser lucrativas, como as tornaria um fardo para seus donos. E a rapidez com que foi feito o processo de liberdade geral é um ponto chave para apontar o dolo dos abolicionistas. Baudry admite a possibilidade de se pensar uma abolição de forma gradualista e com indenizações justas aos latifundiários afetados, oferecendo até mesmo sua perspectiva sobre a melhor forma de fazê-la. Mas ao invés disso o que acabou se impondo foi o “cruel projeto de humanidade dos negrófilos”, que deu lugar a um sistema de destruição geral. “Somente quando eles não virem mais nada vindo da América é que se convencerão da loucura de seus grandes raciocínios”, diz o autor, dando uma volta completa em sua linha de pensamento e voltando a atribuir ingenuidade e simples desconhecimento dos fatos às ações abolicionistas¹²².

Baudry pede que a posteridade julgue com sangue frio quem, entre ele e seus adversários, foi o mais bárbaro e desumano no fim das contas. Profundamente seguro de sua própria posição, ele afirma que a lógica abolicionista só trouxe resultados sanguinários, ao passo que a sua, desconcertantemente, jamais teria derramado uma única gota de sangue¹²³.

3.4 - “Vemos que ela serve maravilhosamente a ambas as partes”: o caso pela escravidão

¹²⁰ Baudry des Lozières, 1802b, p. 25, 44 e 52.

¹²¹ Id., p. 42, 43, 50 e 69.

¹²² Ibid., p. 47 e 120.

¹²³ Ibid., p. 59 e 60.

Qualquer um que leia os termos com os quais Baudry defende os benefícios do trabalho escravo nas colônias naturalmente terá dificuldade em acreditar em suas declarações de que ele na verdade é um “amante da liberdade” que “detesta a escravidão”¹²⁴. Sua ótica é a de que ela é um mal necessário, imprescindível até. Esta soa como uma provável concessão à popularidade e à elevação moral remanescentes do abolicionismo em 1802, tendo em vista que no restante do livro ele não parece acreditar realmente que a escravidão represente um mal de forma alguma, muito pelo contrário. Parte significativa de sua obra é dedicada a provar o caráter benigno e oportuno da instituição tanto para quem lucra diretamente com ela, como os traficantes e senhores de escravos, quanto para aqueles que estão submetidos a ela.

As vantagens para os europeus evidentemente são muito mais simples, óbvias e diretas. A maior delas é de ordem econômica. O sistema escravista havia sido até então a espinha dorsal da economia colonial francesa, e Baudry não podia conceber seu funcionamento de outra forma. Todos os benefícios econômicos do sistema colonial eram, portanto, produtos da escravidão e de seu subsidiário, o tráfico de escravos. E a longo prazo estavam fadados a desaparecer junto com eles. Para o autor, as colônias eram “províncias acessórias” indispensáveis aos europeus, pois a vida no velho mundo já era inimaginável sem o acesso a produtos como cacau, algodão, índigo, café e açúcar. Estes territórios possuíam um preço inestimável pela riqueza de seu solo, mas ela só poderia ser acessada na medida em que houvessem braços para cultivar tal solo¹²⁵.

Saint-Domingue de fato é tida como a colônia mais produtiva não só da França, mas de todo o sistema colonial atlântico, gerando sozinha mais riqueza que todo o império espanhol nas Américas. Estima-se por exemplo que ao fim do século XVIII um a cada oito franceses dependia economicamente do comércio colonial em alguma medida. Com efeito, aproximadamente um terço de toda a riqueza francesa ao longo do referido século teve origem ultramarina. Às vésperas da revolução, Saint-Domingue produziu por conta própria tanto açúcar quanto a soma da produção de seus principais concorrentes¹²⁶, ao passo que sua safra de café correspondeu à metade da produção mundial¹²⁷.

Com base nisso, Baudry afirma que o território de Saint-Domingue é quinze vezes mais produtivo que sua metrópole. Inclusive, se tivesse população branca o suficiente, a colônia sozinha poderia se tornar uma potência capaz de rivalizar com as da Europa, e, tendo em Paris um mantenedor e aliado, colocar rivais como a Grã-Bretanha entre duas forças

¹²⁴ Baudry des Lozières, 1802b, p. 113.

¹²⁵ Id., p. 5 e 6.

¹²⁶ As colônias portuguesas, espanholas e britânicas do Brasil, de Cuba e da Jamaica, respectivamente.

¹²⁷ Dubois, 2004, p. 21; McClellan III, 2010, p. 2.

invencíveis. O tráfico de escravos também era fundamental sob os pontos de vista econômico e estratégico. Ele contribuiu para o estabelecimento e manutenção de uma grande quantidade de manufaturas na França que geravam empregos e sustentavam milhares “de trabalhadores e pais de família” da indústria naval, além de ter trazido grandes benefícios ao desenvolvimento da marinha francesa, como na formação de bons marinheiros e oficiais¹²⁸.

Mas a mais básica das vantagens tratava-se de uma questão de autopreservação. Nos estágios intermediários da colonização da ilha de Hispaniola e do Caribe como um todo, após o extermínio quase completo das populações nativas da região, tentou-se utilizar a mão-de-obra europeia na agricultura. No entanto, o clima quente e úmido logo teria se mostrado insalubre e prejudicial aos trabalhadores braçais daquele continente. Especialmente diante do que o autor entende como uma suposta inclinação natural da raça branca à atividade, que também seria um produto da maior qualidade de sua educação em comparação com as demais. Dessa forma, ao inevitavelmente buscarem replicar nos trópicos sua alta produtividade dos climas temperados, eles acabavam desgastando sua saúde com ainda mais intensidade e rapidez neste ambiente que por si só já era destrutivo¹²⁹.

Baudry, por experiência pessoal, conheceu inúmeros casos de imigrantes franceses, especialmente em funções militares, que duravam em média apenas três anos na colônia, transformando-se em “espectros ambulantes” antes de perecerem. Mesmo que fossem empregados agricultores das regiões mais quentes da Europa para cultivar as terras mais amenas do Caribe, a grande demanda por mão-de-obra e a alta mortalidade a que estariam sujeitos impunham o risco de despovoar todo o continente europeu em pouco mais de um século para extrair alguma viabilidade econômica dos trópicos. Com isso, o autor busca provar que, nesta tentativa de prescindir da escravidão dos africanos, já se havia pensado como os negrófilos antes mesmo deles existirem. Este empreendimento, entretanto, teve que ser abandonado por uma questão de humanidade, para poupar os brancos que morreriam em massa sem qualquer benefício para seus países¹³⁰.

Mas, uma vez escolhidos para exercer esta função, os africanos não sofreriam dos mesmos problemas, na mesma medida? Apesar das altas taxas de mortalidade e baixa expectativa de vida historicamente registradas entre os escravizados na América, em especial em Saint-Domingue, o autor garante que não. Segundo ele, os africanos originaram-se num clima muito mais hostil que o caribenho, a ponto de ser prejudicial inclusive a eles próprios,

¹²⁸ Baudry des Lozières, 1802b, p. 27 e 142.

¹²⁹ Id., p. 6 e 9.

¹³⁰ Ibid., p. 7, 10, 11 e 110.

tornando a mudança para as colônias não apenas cômoda, como também benéfica. Ademais, suas características fisiológicas os tornariam mais aptos ao trabalho duro nos trópicos que qualquer branco, seja ele europeu ou crioulo. Dentre tais características estariam a temperatura corporal, descrita por Baudry como naturalmente mais fria, e uma saúde geral superior à das demais raças. Isso resultaria em uma quantidade notável de escravizados vivendo por mais tempo que seus mestres quando devidamente aclimatados, muitas vezes até alcançando os 100 anos de idade. Esta última evidência, claramente anedótica, provaria tanto a dedicação prestada aos escravos por seus senhores, sem os quais isso não seria possível, quanto a fragilidade do argumento abolicionista de que os cativos viviam mal¹³¹.

O determinismo climático mais uma vez é evocado para justificar a escolha da escravidão em detrimento do trabalho livre. Baudry descreve as regiões quentes do planeta como locais onde a natureza trabalha sozinha, com pessoas desprovidas de energia e de ambição que “definham em um repouso impolítico” pela dispensabilidade do trabalho. Nestas regiões, as atividades econômicas só seriam possíveis mediante coerção, pois ninguém trabalharia de outra maneira. E trabalho forçado nada mais é do que escravidão. Ao contrário do que se pensa na Europa, porém, o autor afirma que ela não é o direito de matar, mutilar ou maltratar os cativos. Para ele, ninguém tem esse direito, em lugar nenhum. Haveria, no entanto, o direito de se exigir o trabalho necessário para o funcionamento da sociedade, já que a preguiça num país puramente agrícola seria um verdadeiro crime capital¹³².

Aqui chegamos em um ponto conveniente para tratar das supostas vantagens que o sistema escravista americano e o tráfico negreiro trariam aos africanos e seus descendentes. Toda a argumentação do livro neste sentido está baseada em uma mistura de noções novas com outras bastante antigas e recorrentes acerca da África. Este quadro conceitual formado a respeito do continente o retrata como um lugar terrível em todos os aspectos, governado pelo mais bárbaro e assassino dos despotismos. Baudry, por sua vez, admite nunca ter visitado a África, alegando ter colhido essas informações de diversas obras sobre a região, além de conversas com viajantes, capitães negreiros, cirurgiões, habitantes de feitorias, negros nascidos no continente (os chamados *bossales*) e pessoas em geral que teriam percorrido o interior africano¹³³.

O autor descreve o continente como um lugar dominado pelo excesso populacional, a ponto de já estar esgotando os recursos locais. Se nos países industriais a alta fecundidade é

¹³¹ Baudry des Lozières, 1802b, p. 99, 103, 104 e 144.

¹³² Id., p. 69, 145 e 146.

¹³³ Ibid., p. 16.

uma benção, em locais como a África, onde Baudry julgava não se conhecer a utilidade da agricultura ou do comércio, ela traz apenas a impossibilidade constante de se sustentar a própria população. E isto teria dado origem a uma política local descrita por ele como infernal e arrepiante, na qual se recorreria ao canibalismo e aos sacrifícios humanos como soluções para simultaneamente obter comida e reduzir os famintos. A única atitude tomada pelos soberanos locais seria a de travar guerras constantes entre si com o objetivo principal de fazer o maior número possível de prisioneiros para escravizá-los ou devorá-los¹³⁴.

Com relação à forma como a escravidão seria praticada na África, Baudry afirma que não existia gente propriamente livre no continente, com todos sendo mais ou menos escravos de alguém mais poderoso. Os governos locais, com o autor se questionando se eles sequer poderiam ser referidos como tal, seriam de uma crueldade monstruosa, tendo como leis tão somente a tradição e os caprichos pessoais de seus líderes. O referido despotismo africano iria infinitamente além dos limites já conhecidos do “barbarismo asiático”, e Baudry se utiliza de uma anedota envolvendo a escravidão para ilustrá-lo. Na ocasião da morte de um mestre de escravos, seria um costume africano enterrar com ele de um terço a metade de seus escravizados, sobretudo os mais fortes, para que estes continuassem a servi-lo na outra vida. No entanto, quando se tratava de um rei ou de um príncipe, seu enorme túmulo se comparava ao esgoto dos matadouros de animais na Europa. Milhares de escravizados acabariam degolados em suas bordas até que o cadáver do déspota fosse submerso em sangue quente, tudo isso sob os gritos de alegria dos demais súditos. Baudry interrompe este relato alegando que sua pluma se recusa a descrever tais horrores para além disso¹³⁵.

Desta forma, o autor deixa garantido pelo restante do livro que qualquer eventual sofrimento que os africanos tenham em sua jornada enquanto escravizados dos europeus, seja no trajeto para as Américas ou em sua estadia por lá, seria menor do que o tormento garantido que teriam em sua terra natal. E a busca pelo menor dos males para a humanidade não deixaria de ser um ato de filantropia. Não por acaso, Baudry considera o primeiro traficante de escravos como o maior e o melhor filantropo a ter existido por ter criado um sistema capaz de salvar milhões de pessoas de um derramamento de sangue inútil. Vale notar que, em momento algum, tais pessoas são vistas como capazes de libertar a si mesmas sem intervenção europeia, que neste caso ocorre por meio do tráfico de escravos. A prática teria surgido para dar fim a estes inúmeros assassinatos e ajudar a África a lidar com seu excesso populacional. Em última análise, representaria uma união harmônica entre o sentimento de

¹³⁴ Baudry des Lozières, 1802b, p. 14, 19 e 20.

¹³⁵ Id., p. 16 a 18.

humanidade e os interesses econômicos dos europeus. Era um ultraje portanto que a estes agentes fosse atribuído o nome ridículo de vendedores de carne humana¹³⁶.

Outra parte importante desta narrativa de salvação eram os senhores de escravos na colônia. A eles caberia dar uma existência social e produtiva aos africanos recém-chegados. Sim, aqueles que já eram escravizados na África continuariam o sendo na América, mas a natureza de sua relação com os senhores europeus seria diametralmente oposta ao que estariam habituados. Os mestres em seus países de origem, eles próprios escravos de outrem, seriam cruéis, grosseiros e sem princípios, deixando seus cativos viverem improdutivamente, nus, famintos e desamparados diante de qualquer doença. Já nas colônias francesas, os mestres geralmente seriam mais instruídos, civilizados e, por consequência, mais humanos. Além de poderem esperar por uma bondade natural de seus novos senhores, os escravizados eram protegidos por uma série de leis que impunham a obrigação de vesti-los, alimentá-los e cuidá-los decentemente mesmo na velhice. Se na África havia o bárbaro direito sobre a vida e a morte dos escravos, na colônia havia leis severas contra os mestres desumanos¹³⁷.

Em uma dimensão cultural, Baudry afirma que em sua terra natal os africanos estavam relegados a uma “adoração imbecil” e limitados por seus idiomas de poucas palavras, excessivamente abreviadas, que dificultavam a faculdade do pensamento. Uma vez na colônia, conheceriam o deus e a religião cristãos, assim como aprenderiam a falar e a pensar por meio da língua francesa. A escravidão moderna representa, portanto, a felicidade de sucessivas gerações de africanos e, por questões que serão abordadas na seção seguinte, a única maneira de desenvolver seu potencial humano¹³⁸.

Com base nisso, o autor conclui que as colônias, ao menos as francesas, são os locais onde a escravidão é a mais branda, visto que toda sua estrutura contribui para o bem-estar material e moral do escravizado. Por este motivo, Baudry julga que os escravizados lhe parecem mais felizes que os *affranchis*. Nos seus próprios países, eles seriam escravos com toda a força do termo. Já na colônia, eles seriam escravos apenas no nome, “adocicados” pela gentileza paternal de seus mestres e pela esperança real de um dia se tornarem livres mediante boa conduta, uma impossibilidade no continente africano. Entrevistando seus próprios cativos, por exemplo, o autor garante que eles preferiam continuar escravos, condição na qual não seria incomum encontrar o negro alegre, gordo e forte¹³⁹.

¹³⁶ Baudry des Lozières, 1802b, p. 14, 21 a 23, 85 e 86.

¹³⁷ Id., p. 36 a 38.

¹³⁸ Ibid., p. 39, 97 e 145.

¹³⁹ Ibid., p. 35, 54, 66, 67, 88, 89 e 103.

É curioso, no entanto, como Baudry reforça constantemente que a escravidão praticada pelos europeus tem na realidade um caráter altamente benéfico, ao contrário do que o nome sugeriria. E o autor entende plenamente o peso negativo carregado pela terminologia, não deixando de utilizar diversas vezes as palavras “escravidão” e “escravo” como metáforas para situações degradantes. Dessa maneira, ele acaba se colocando na posição inusitada de encarar a escravidão como algo ruim em todos os seus sentidos figurados, mas como algo bom em seu sentido mais literal.

3.5 - “Volte ao nada político ao qual a natureza te destinou”: o caso contra os negros

A esta altura já deve estar bastante clara a crença de Baudry na desigualdade racial e na inferioridade dos africanos diante não só dos europeus como de qualquer outro agrupamento racial considerado no período. Este ideário diz respeito não só aos escravizados, como também aos negros livres e àqueles com qualquer nível de ascendência africana, e conseqüentemente aos papéis que cada um deveria exercer na sociedade. A obviedade não tira a importância de explorar a base argumentativa do autor para acreditar neste ponto de vista e dedicar sua carreira a promovê-lo.

Também não é difícil constatar que em meio a toda aquela ideia da afabilidade senhorial, Baudry enxerga o negro menos como pessoa e mais como uma engrenagem do sistema produtivo colonial. Ele considera que se deve ser gentil com o escravizado, mas sobretudo porque ele é um homem útil por seu trabalho. O negro livre, por outro lado, pode ser utilizado e merecer respeito, mas de maneira condicional. No entanto, o autor nunca considera os *affranchis* e tampouco os mestiços como merecedores de uma familiaridade extrema com os brancos, independente da lei francesa ter lhes concedido cidadania. Afinal de contas, para tornar os homens livres e iguais aos olhos da lei bastaria uma canetada. À luz da racionalidade e da natureza, porém, Baudry não os considerava como seus iguais. Ele até gostaria que a “fábula” abolicionista de que todos os homens pudessem ser livres, e que isso provasse que são igualmente racionais, pudesse se realizar. Infelizmente, as paixões e a constituição natural do homem nunca permitiriam a concretização deste “belo sonho” prometido em má fé por Robespierre. A abertura das portas do “templo da liberdade” até constitui uma boa política aos olhos do autor, mas desde que se permitisse somente a entrada daqueles com as qualificações exigidas¹⁴⁰.

¹⁴⁰ Baudry des Lozières, 1802b, p. 54 a 56.

Não surpreende que para Baudry os africanos e seus descendentes não possuam tais qualificações. E ao longo do livro o autor fornece diversas justificativas para isso. Estas são baseadas em supostas características morais e comportamentais inerentes aos negros, e cujo apontamento revela o grau de desprezo que ele nutre por este grupo. Podemos resumir sua impressão geral em três trejeitos principais, cada um com importantes implicações: a preguiça, a violência, e a estupidez. Vários outros defeitos aparentes são mencionados esporadicamente, como a grosseria, a feiura e o mau cheiro, mas estes parecem servir apenas como manifestação gratuita do desgosto, não sendo desenvolvidos para efeitos maiores e não merecendo ser abordados.

Na descrição do autor, tão visível quanto a cor de pele dos africanos seria sua tendência contínua ao repouso, que os distinguiria das demais raças humanas e constituiria a maior razão para a indispensabilidade de sua escravidão. Excessivamente preguiçosos tanto de corpo quanto de espírito, a única maneira de fazer o negro trabalhar seria compelindo-o, e mesmo assim Baudry garante que seu serviço nunca é exatamente o que deveria ser. Diferente da já mencionada tendência à atividade dos brancos, o negro supostamente possui um princípio de lentidão que o levaria a dar muitos intervalos entre todos os seus movimentos. Sua vivacidade estaria reservada apenas às mesmas coisas que incitariam um animal (o autor não lista quais, mas podemos presumir que seja o medo, a agressividade, a fome e a libido), e mesmo assim ela tenderia a durar pouco. O autor conclui que em geral o negro descansa muito mais do que age¹⁴¹.

E graças a esta suposta ociosidade que os africanos viviam na miséria em seu continente natal e inevitavelmente retornariam a ela depois de livres nas colônias. Os revolucionários que controlavam Saint-Domingue poderiam até viver um tempo de seus “roubos”, mas cedo ou tarde se empobreceriam novamente depois de esgotada a tal rapina. Partindo do pressuposto de que os *affranchis* só se creem livres se não tiverem de trabalhar, Baudry pinta um quadro pessimista para a prosperidade da ilha caso persista a política da liberdade. Sob este regime, a negligência com que os negros tratariam a agricultura acabaria sendo capaz de transformar o mais belo e fértil dos campos em um deserto árido¹⁴².

Com a Revolução Haitiana em curso há mais de uma década, Baudry também concede grande destaque à violência em suas falas acerca dos africanos. Reais ou imaginados, os atos violentos dos revolucionários negros sempre tiveram um grande impacto psicológico entre os observadores contemporâneos e também entre os cronistas dos anos

¹⁴¹ Baudry des Lozières, 1802b, p. 10, 20, 99, 146.

¹⁴² Id., p. 110 e 144.

seguintes. A crueldade africana, da mais atroz à mais refinada, seria o remédio terrível encontrado por eles para lidar com a inconveniência da falta de indústria, recorrendo aos já mencionados sacrifícios humanos e atos de canibalismo. O autor inclusive alerta que a antropofagia ainda era uma prática geral na África no instante em que escrevia o livro, a despeito dos esforços do tráfico de escravos para contê-la, já que para ele tais nações teriam um gosto natural e generalizado pelo sangue humano¹⁴³.

Para Baudry, tal gosto seria a origem principal dos intermináveis ciclos de violência nos quais os negros se envolveriam quando estão por conta própria. Na África, até as mulheres seriam frequentemente jogadas na fogueira por envenenar e assassinar seus maridos, seja para vingar a brutalidade deles ou simplesmente para satisfazer sua suposta inconstância natural. Provenientes, nas palavras do autor, deste verdadeiro “açougue de carne humana”, muitos dos negros em Saint-Domingue ainda tomavam parte nestas práticas quando não vigiados, acreditando-se que chegavam ao ponto de desenterrar cadáveres dos cemitérios para comer sua carne¹⁴⁴.

Depois de revelar o medo e a revolta que a violência africana lhe inspirava, Baudry vai mais fundo em sua psique e expõe seu temor como colono de se encontrar na inversão da relação senhor-escravo. Neste ato de projeção, ele cria uma retórica fantasmagórica na qual os colonos empobrecidos que retornassem à Saint-Domingue em busca de sustento teriam que servir a seus antigos escravos e serem instruídos por eles. Porém, devido à natureza supostamente traiçoeira e desconfiada dos africanos, os colonos viveriam sob o risco constante de ter suas gargantas cortadas diante do mais infundado e imaginário dos problemas. A única recompensa recebida pelos atos europeus de salvar, socorrer, alimentar e instruir os africanos seria a matança de seus pares e a queima e pilhagem de suas propriedades. A eloquência e a moral seriam forças sem qualquer efeito sobre seus algozes, cujo calor do sangue só respondia à superstição e aos estímulos puramente materiais¹⁴⁵.

Por conta desta “ingratidão” e “traição” com seus ex-senhores e com a pátria francesa, Baudry frequentemente expõe a raiva e o rancor pessoal que nutre pelos negros revoltosos em Saint-Domingue. Ainda mais à luz de tudo o que ele próprio perdeu com a revolução. Em nenhum trecho tal ressentimento é melhor expresso do que no seguinte:

E você, africano feroz, que momentaneamente triunfa sobre os túmulos de seus mestres que você massacrou como um covarde, que ainda busca formas de humilhar aqueles que conseguiram fugir de seus punhais, eu prevejo, homem a quem a

¹⁴³ Baudry des Lozières, 1802b, p. 20 a 22.

¹⁴⁴ Id., p. 15 e 143.

¹⁴⁵ Ibid., 1802b, p. 123, 151 e 189.

natureza moldou do lodo mais vil, que você será desmascarado. A embriaguez dos culpados dos seus crimes não durará para sempre. Você será conhecido como o inimigo natural dos brancos. (...) Volte ao nada político ao qual a própria natureza te destinou. Seu orgulho atroz anuncia muito bem que a servidão é seu destino¹⁴⁶.

Gananciosos e sensuais, os negros seriam capazes de qualquer maldade que atendesse seus caprichos por dinheiro e pelos prazeres dos sentidos, passando por cima de qualquer fidelidade que possam ter por seus mestres ou por seus pares. Por esse motivo, os negros também se odiariam mortalmente entre si. Baudry afirma que era muito raro eles se tornarem camaradas mesmo entre sua própria nação, sendo quase garantido que serão inimigos implacáveis daqueles com origem geográfica diferente da sua. Entre os *affranchis*, não era incomum que eles próprios adquirissem escravos. E o autor garante que eles seriam mestres dez vezes piores que os brancos no que tange ao tratamento dos cativos, espelhando a relação existente na escravidão do continente africano. Não surpreende, portanto, que alguém que tenha tal crença fosse incapaz de compreender como era possível que os revolucionários haitianos formassem alianças para compor um movimento organizado e vitorioso. Sua única hipótese era a de que algum agente inimigo da França os magnetizava¹⁴⁷.

Com relação à capacidade intelectual dos africanos, Baudry se **vale** de termos e afirmações ainda mais fortes que os utilizados anteriormente. Por exemplo, diz “sem exceção nem exagero” que os africanos nascem e vivem entre si como bestas brutas, em perpétuo estado de ignorância absoluta graças à forma como a política seria feita no continente. O autor simplesmente não encontra um objeto de comparação para dar dimensão da apatia e da negação de ideias com que ele teria se deparado entre estes povos. Ao falar de outros tipos de escravidão que existiram na História, como nos tempos da Grécia e da Roma antigas, Baudry não hesita em dizer que o menor dos escravos da antiguidade ainda valeria mais do que todos os negros transportados para as colônias até aquele momento somados com quantos fossem os negros que ainda viriam no futuro¹⁴⁸.

O livro também aceita a premissa de que as diferentes cores de pele existentes entre os homens de todas as partes do mundo, por alguma vontade superior, parecem servir tanto como um anúncio incontestável de diferença interior como uma indicação garantida de maior ou menor inteligência. Por que? Baudry não sabe nem finge saber. O que ele sabe é que o branco se encontraria em um extremo e o negro, com sua natureza bem particular, em outro. Dentro desta hierarquia entendida pelo autor, o negro é tido como uma "espécie" depravada,

¹⁴⁶ Baudry des Lozières, 1802b, p. 124 e 12, tradução nossa.

¹⁴⁷ Id., p. 36, 105, 118, 147 e 189.

¹⁴⁸ Ibid., p. 30, 71 e 72.

cuja classe de humanidade seria a mais imperfeita, a mais sombria, a mais incapaz de esclarecimento, a mais viciosa e a mais incorrigível. Se um deles se eleva à altura do mais baixo dos brancos instruídos, já se trataria de um fenômeno da própria “espécie”¹⁴⁹. É notável como Baudry por vezes infere com sua escolha de termos que o europeu e o africano não pertenceriam à mesma espécie, somente para depois colocá-los como classes diferentes da humanidade. Este é apenas mais um exemplo de sua inconsistência conceitual e teórica.

É importante pontuar, porém, que apesar de indiscutivelmente considerar os negros como a mais baixa das categorias raciais, Baudry não acreditava que todos eles fossem iguais entre si, mesmo que sem escapar propriamente desta lógica. Isso fica evidente nos momentos em que ele fala das diferenças entre os negros *bossales* e os crioulos. Enquanto os últimos seriam muito mais valiosos pela maior rapidez e facilidade com que aprendiam seus ofícios, os primeiros exigiriam um tempo significativo de adaptação ao clima, às doenças, à cultura e ao trabalho na colônia. O autor chama este período, juntamente com seus processos, de aclimatação, algo imprescindível para o bom funcionamento da escravidão colonial.

Independente da idade do recém-chegado, ele apresentaria um comportamento insurreto e repleto de caprichos, além de supostamente viver em uma imundice extrema, comparável à de uma criança doente. As primeiras coisas que um senhor de escravos deveria fazer com este grupo seriam acostumá-lo a se vestir e desabitua-lo da gula e da má educação. Tal estado penoso duraria por volta de três anos, exigindo paciência e cuidados inimagináveis do senhor de escravos, visto que o cativo será medíocre em qualquer trabalho que for designado. Se o africano não morrer nesse período, e muitos morriam, é porque seria capaz de resistir às maiores fadigas das manufaturas coloniais, podendo enfim ser iniciado em seus ofícios. Caso não seja um sujeito mau, indócil, sem vergonha e exageradamente preguiçoso, o escravizado poderia enfim adquirir um preço razoável¹⁵⁰. A qualidade do negro estaria portanto diretamente vinculada ao seu grau de assimilação da cultura europeia.

Acerca disso, é oportuno trazer o caso dos mestiços, que naturalmente eram vistos como superiores aos negros, ainda que também continuassem sujeitos a uma série de preconceitos reminiscentes de discriminações passadas. Baudry não dedica tanta atenção a esse grupo como o fez com os negros, mas suas falas a respeito ainda merecem atenção. Em sua atuação na revolução haitiana, Baudry menciona ter adquirido uma certa reputação como protetor dos mestiços, algo que ele não repudia mas também não abraça. Na verdade, sua opinião era a de que as pretensões políticas deste grupo seriam ridículas. Ao mesmo tempo,

¹⁴⁹ Baudry des Lozières, 1802b, p. 109 e 164.

¹⁵⁰ Id., p. 30, 31, 32, 102 e 103.

porém, ele os enxergava como aliados estratégicos para o triunfo francês em Saint-Domingue, admitindo em decorrência disso que muitas injustiças foram cometidas contra eles, e que existia a possibilidade concreta de transformá-los em excelentes cidadãos desde que se coloquem ao lado dos brancos¹⁵¹.

Mas o fenômeno da mestiçagem não era algo que Baudry gostaria que se perpetuasse no cotidiano do império francês. O tímido e pragmático apoio estendido pelo autor aos mestiços no contexto da revolução haitiana vinha acompanhado de uma recusa a aceitá-los como parte de sua visão para as colônias. A mestiçagem para ele é sinônimo de corrupção, e os mestiços seriam corrompidos não só fisicamente mas também moralmente. Caso não seja coibida, especialmente na metrópole, em poucas gerações a mestiçagem representaria uma ameaça séria ao caráter da França, aos poucos distorcendo seus traços e escurecendo sua tez até que a nação francesa se encontre substituída por uma outra¹⁵².

Na colônia, Baudry enxergava a mestiçagem como algo mais escusável frente à raridade de mulheres brancas, com os europeus pobres comumente se envolvendo com negras e os mais ricos com mestiças. O problema na colônia, porém, seria a frequente celebração de casamentos interracialis, com Baudry considerando que os brancos que se casam com mestiços seriam "mais mulatos (na conotação de corrupção moral do termo) que os próprios mulatos". Enquanto estes últimos, não sendo donos de seu nascimento, poderiam com alguma justiça culpar a natureza por tê-los maltratado, os brancos que se envolvem com eles o fariam por vício de coração e baixeza de alma. Para o autor, a mulher mestiça que se casa com um branco pode até ser muito honesta, mas seu marido nunca foi nem será¹⁵³.

Depois de expor tudo isso que Baudry escreveu, chega a parecer ultrajante que ele tenha se gabado no mesmo livro de nunca ter precisado de uma revolução para ser uma pessoa melhor com os negros e mestiços. Na verdade, o autor considera que sempre foi o que ele deveria ser, da mesma forma que sempre os tratou como deviam ser tratados: como a razão e a natureza exigiriam. E a esta altura já está bem claro que em sua visão o africano e seus descendentes não haviam sido feitos para a liberdade gozada pelos brancos, e conduta deles apenas comprovaria isso. Como “difícilmente nos importamos com aquilo que é obtido

¹⁵¹ Baudry des Lozières, 1802b, p. 263.

¹⁵² Id., p. 29. Esta é a mesma premissa da chamada teoria do *Great Replacement/Grand Remplacement* (grande substituição). Segundo ela, a baixa natalidade entre os brancos dos países ocidentais e o aumento da imigração originária de países islâmicos constituiria um processo, muitas vezes visto como intencional, de substituição da cultura cristã e ocidental por outra, com a intenção de eliminá-la.

¹⁵³ Ibid., p. 158 e 159. Esta posição de Baudry é bastante curiosa diante do fato de que o próprio Moreau de Saint-Méry, a quem ele sem dúvida respeitava muito, já havia se envolvido com pelo menos uma mestiça, com quem teve uma filha, conforme mencionado na página 12.

facilmente”, Baudry considera que a entrada deles no tal “templo da liberdade”, na melhor das hipóteses, teria sido prematura¹⁵⁴.

Porém, cedendo por um instante às justificativas pela liberdade, ele admite que um pouco mais de atenção à forma com que os negros foram emancipados no império francês poderia ter aumentado a harmonia entre a justiça e a humanidade do processo. Talvez com mais tempo para conduzir o processo de maneira gradual, poderia surgir algum meio de civilizá-los ou, na impossibilidade de fazer deles homens verdadeiramente esclarecidos, ao menos de tentar torná-los “animais razoáveis e capazes de sentir vergonha da própria ferocidade natural”. Mas deste esforço surgiria um problema inescapável: quem iria se interessar em preservar a existência do africano, senão como escravo¹⁵⁵? E é por crer que ninguém mais se disporia a assumir tal função que, a despeito de tudo o que pensa dos negros, Baudry ainda considerava a si mesmo e aos demais senhores de escravos como os maiores e verdadeiros amigos dos negros, muito mais que qualquer negrófilo.

3.6 - “Os colonos são filhos da Europa, e toda a Europa deveria tê-los ajudado”: o caso pelos colonos

Finalmente, a última grande linha argumentativa de Baudry diz respeito às grandes injustiças que ele acredita terem sido cometidas contra os colonos de Saint-Domingue ao longo das revoluções francesa e haitiana. Em uma parcela considerável do livro, o autor utiliza o pronome *nous* (nós), tanto incluindo-se pessoalmente na penúria descrita quanto buscando falar em nome de todos a classe. Como já mostrado anteriormente, a despeito de sua origem metropolitana, Baudry nutriu grande admiração pelos brancos crioulos e seu modo de vida ao longo dos 16 anos que viveu no Caribe. Em conformidade com este sentimento, eles são descritos nos melhores termos possíveis, como fiéis à França e benevolentes com seus escravos, lamentavelmente traídos e transformados em bode expiatório pelos revolucionários radicais nos dois lados do Atlântico. E a melhor forma de Paris retratar seus erros passados com esta classe seria retomar Saint-Domingue dos negros e instituir uma série de reformas que garantiriam a segurança, o bem estar e a prosperidade dos colonos.

O retrato que Baudry criou dos colonos de Saint-Domingue foi o de um grupo que se expressa com simplicidade porque estaria do lado da verdade, e esta não precisaria ser amenizada com palavras belas e difíceis. Este recurso seria necessário apenas diante da

¹⁵⁴ Baudry des Lozières, 1802b, p. 54, 55, 56 e 109.

¹⁵⁵ Id., p. 49 e 121.

falsidade e fraqueza argumentativa dos abolicionistas, e o coração colono não sustentaria esta afronta evidente ao bom senso da mesma forma que eles. E os argumentos feitos em defesa deles de fato eram bastante simples, porém mais num sentido de superficialidade e ingenuidade. Por exemplo, em soma às motivações já exploradas, o envolvimento dos colonos com a escravidão também foi justificado pelo autor quase como produto de uma inércia de costumes: os colonos não eram culpados pela escravidão e nem deveriam responder por todos que tem, tiveram e terão escravos. A instituição, afinal, sempre existiu e provavelmente sempre existirá em algum formato. Da mesma forma, Baudry afirma que os colonos não foram os criadores do tráfico de escravos e tampouco eram eles que iam até a costa africana para buscar os negros¹⁵⁶.

Esta inimizabilidade se estenderia ainda pelo fato de que havia sido da própria pátria mãe que os colonos receberam as leis que os permitiam ter escravos. Diante de todo o apresentado no capítulo, as circunstâncias não apenas os autorizavam, como também os obrigavam a se utilizar deste tipo de mão-de-obra. Com as revoluções, no entanto, o dito preconceito dos negrófilos sobre os colonos fez com que a obediência destes últimos passasse a ser utilizada contra eles. No clima político de então, Baudry alega ser prática comum que, ao trocar o governo, se condenasse as pessoas simplesmente por obedecerem às leis antigas. Nenhum grupo seria mais vítima desta tendência injusta que os escravocratas. O autor os defende sob o argumento de que aqueles que eram fiéis a um governo com leis imperfeitas o seriam ainda mais a outro com leis melhores¹⁵⁷. Era como se nunca houvesse nenhum tipo de interesse material em seus cálculos políticos.

Dentro da instituição escravocrata, Baudry encontraria ainda mais motivos para elogiar os colonos, que tratariam seus escravos como se fossem seus filhos, ou talvez até melhor do que isso. O autor chega a afirmar que na prática os senhores é que seriam os verdadeiros escravos dos negros diante de todo o esforço que tinham para educá-los, sustentá-los e aturar diariamente todos os seus defeitos. Dirigindo-se aos revoltosos, Baudry exorta que voltem ao trabalho, pois sem dúvida contarão com a generosidade de seus mestres, uma característica que seria fruto não apenas do fato de serem brancos, como também por serem franceses. Mas o autor considera ridículo supor que a dita generosidade de “admiti-los em nossas casas” não devesse ser paga com trabalho, abrindo margem para questionar se algo que deve obrigatoriamente ser compensado seria mesmo uma generosidade¹⁵⁸.

¹⁵⁶ Baudry des Lozières, 1802b, p. 44, 70, 105.

¹⁵⁷ Id., p. 106 e 112.

¹⁵⁸ Ibid., p. 29, 33, 34, 118, 125.

Mais do que um esforço de limpeza de imagem e autopromoção, a percepção dos franceses como mestres magnânimos também se originou da comparação destes com seus pares norte-americanos, com quem Baudry conviveu por anos durante seu exílio. Nos Estados Unidos, os cativos eram tratados com implacável dureza, e todas as acusações que o autor considerava exageradas para Saint-Domingue descreveriam com precisão a escravidão por lá. Com efeito, o escravizado norte-americano seria verdadeiramente forçado ao trabalho, efetivamente castigado e genuinamente miserável. Diante de tal realidade, Baudry afirma que seu “coração sofreu” ao ponto de certa vez envolvê-lo em uma "querela vigorosa" com um habitante de Norfolk, aparentemente por conta dos maus tratos impostos por ele a seus cativos. Para além do caráter cruel do indivíduo em específico, o autor também atribui o fenômeno a fatores sistêmicos como as leis e os magistrados norte-americanos, além do baixo custo de aquisição dos escravos no país, o que desincentivava sua conservação. Ademais, Baudry se revoltava com a inutilidade de tal conduta num país em que os negros eram muito menos numerosos que os brancos, diferente de Saint-Domingue, onde ele inconscientemente admite que isso seja necessário¹⁵⁹.

Ainda com relação à crueldade, Baudry admite que evidentemente existiam exceções entre os senhores de Saint-Domingue tão elogiados por ele. Porém, o autor logo ressalta que se trataria de um número muito pequeno. Ao mesmo tempo que defendia tratar-se de uma ocorrência inevitavelmente presente sob qualquer constituição, já na página seguinte ele argumentava que a existência de mestres mal-intencionados poderia ser inteiramente dissipada com leis como a que os proibiriam de ter escravos. Seja como for, tais ocorrências supostamente minoritárias teriam servido de pretexto para os abolicionistas avançarem com sucesso sua agenda de sublevação. Uma vez em curso, esta teria instigado de forma injusta e ingrata a perseguição e o assassinato dos colonos¹⁶⁰.

Ao longo da década que precedeu a publicação do livro, os colonos que tiveram a sorte de preservar a própria acabariam relegados à humilhação de viver na mais vergonhosa indigência, a ponto de serem confundidos com seus próprios escravos. Estes por sinal teriam sido abundantemente apoiados pelo governo revolucionário francês nos tempos jacobinos, enquanto as ditas verdadeiras vítimas tiveram de se contentar com migalhas. Baudry acusa Robespierre e todos aqueles que se inspiraram nele de não almejar outra coisa que não ver os colonos franceses no Caribe morrerem de fome. Esses foram anos em que os colonos se viram obrigados a fugir de sua própria pátria e vegetar em algum país neutro, não tendo

¹⁵⁹ Baudry des Lozières, 1802b, p. 75 e 76.

¹⁶⁰ Id., p. 90, 91 e 105.

sequer o direito de reivindicar os privilégios da liberdade. Só restaria a este grupo a escolha entre morrer de fome ou perecer sob o fardo de um trabalho com o qual não estava acostumado¹⁶¹

Com toda esta narrativa dos colonos como vítimas passivas e inocentes de eventos que não lhe diziam respeito, Baudry parecia estar se esquecendo que eles próprios haviam se levantado primeiro contra o governo francês. Afinal, a independência da colônia ou sua cessão a uma potência inimiga como a Grã-Bretanha foram táticas consideradas e executadas sem sucesso por vários grupos de colonos durante a revolução haitiana. Embora o autor não trate diretamente disso, ele se utiliza de outro contexto para expressar que se porventura o colono se revolta contra o governo, seria porque foi levado ao extremo. E quando um governo sofre com revoltas, geralmente é por culpa própria, seja por abuso de autoridade e dureza de caráter, ou por incapacidade de governar, conciliar interesses e se fazer obedecer. Fora destes cenários, os colonos seriam naturalmente pacientes e políticos¹⁶². Como vimos anteriormente, os negros e mestiços não eram dignos da mesma legitimação e consideração por parte do autor.

Para encerrar a análise de *Les Égarements*, trataremos rapidamente das principais propostas de reformas políticas, legais e comportamentais sugeridas por Baudry no segundo fragmento do livro. A intenção do autor com elas era restaurar o domínio da classe latifundiária de Saint-Domingue e impedir que uma nova revolução de negros ou de mestiços tomasse lugar na colônia. A própria premissa deste raciocínio já revela um otimismo inabalável dele com relação à capacidade da expedição militar francesa de subjugar os insurgentes e restaurar a ordem e a prosperidade em toda a ilha de Hispaniola. Julgando estar há poucos meses de tal cenário, Baudry busca antecipar soluções para certas questões prementes para o futuro pós-revolucionário da região.

A mais imediata delas era o que fazer com os negros rebeldes depois de desarmá-los, visto que continuariam sendo a maior parcela demográfica de Saint-Domingue. A despeito de toda sua retórica odiosa contra este grupo, o autor propõe uma rota pacifista baseada no diagnóstico de que aqueles que já pegaram em armas não aceitarão voltar a ser escravos e tampouco serão confiáveis nesta função. O zelo pela humanidade sem dúvida exigia que os franceses lhes poupassem a vida, devendo "ser justos e nunca desumanos". A rota proposta pelo autor era a de libertar aqueles que se comportarem bem, já que "certamente não seriam numerosos", encarcerando os demais para em seguida expulsá-los da colônia. Mesmo sem

¹⁶¹ Baudry des Lozières, 1802b, p. 107, 122 e 123.

¹⁶² Id., p. 215.

nunca advogar por execuções ou por massacres como os que eventualmente ocorreram nos dois anos seguintes, Baudry reivindicava uma resposta dura e firme contra os rebeldes. O reerguimento de Saint-Domingue exigiria afinal um “grande sabre e um grande administrador”. Do contrário, a França apenas fomentaria mais insolência¹⁶³.

Diante disso, uma solução extremamente conveniente a todos se apresentava no continente africano, mais especificamente na ilha de Madagascar, com a qual a França tinha o interesse de estreitar relações. Baudry então sugere que todos que tenham se levantado contra os brancos, e conseqüentemente contra a pátria, fossem enviados para lá. E os navios negreiros que já seriam necessários de qualquer forma para reabastecer a colônia com novos africanos poderiam ser aproveitados também para o transporte dos insurgentes de volta à África. O estabelecimento deles poderia inclusive preceder a criação de uma nova pátria africana, como as que eventualmente surgiriam na Libéria e em Serra Leoa, frutos de iniciativas anglo-americanas semelhantes nas décadas seguintes. A nova nação, no entanto, deveria ser mantida como um protetorado francês no continente, com Paris fornecendo proteção e os insumos necessários para seu estabelecimento de uma maneira sólida¹⁶⁴.

Se os negros exilados mantiverem sua paixão pela guerra, que a exerçam apenas contra seus semelhantes. Baudry não crê que tais nações jamais representariam algum perigo à Europa e aos brancos devido à sua distância. Se com o tempo a ideia se mostrasse bem-sucedida e inofensiva ao tráfico de escravos, restaria consultar o interesse das demais potências europeias na criação de mais colônias negras pela África. Parecia não só uma grande oportunidade para estabelecer e expandir a presença francesa no continente, mas também a de promover uma nova forma de filantropia¹⁶⁵. Ambos os pontos eventualmente se tornariam pilares do neocolonialismo europeu e da partilha da África no século XIX.

De volta à Saint-Domingue, Baudry sugere uma série de transformações na forma como a colônia deveria ser governada por Paris e como ela deveria ser habitada pelos colonos. Começando pelas mudanças mais institucionais, o autor defende a criação de um órgão governamental próprio e exclusivo para as colônias, retirando-as da autoridade da marinha para colocá-las sob o comando de alguém experiente e especializado nos temas coloniais. Seria importante estabelecer uma uniformidade legal entre os diferentes domínios franceses, considerando a inconveniência e insustentabilidade de se haver liberdade em um e escravidão nos demais. A necessidade de coibir movimentos independentistas também

¹⁶³ Baudry des Lozières, 1802, p. 137, 187 e 189.

¹⁶⁴ Id., p. 138.

¹⁶⁵ Ibid., p. 139 e 140.

exigiria uma maior centralização política em torno deste órgão. Baudry acredita que um sistema mais monocrático e até mesmo autocrático seria a forma mais adequada de mantê-las sob o controle francês, assim como de implementar as mudanças na demografia e no espaço geográfico de Saint-Domingue que seriam imprescindíveis à sua segurança¹⁶⁶.

Dentre tais mudanças estava o afastamento definitivo e permanente dos escravizados dos centros urbanos e mesmo de dentro das casas dos colonos, onde deveriam trabalhar como empregados domésticos no máximo os negros livres. Os cativos deveriam, portanto, ser mantidos nas fazendas tendo o mínimo contato possível com o mundo exterior. Essa proposta baseou-se na suspeita do autor sobre a forma como os cativos começaram a ter ideias revolucionárias: eles simplesmente ouviam as conversas dos mestres e os imitariam, já que eram vistos como incapazes de qualquer agência política independente dos brancos. Mas os próprios brancos também deveriam ser desincentivados a formar grandes cidades e assembleias¹⁶⁷ para manter a maior parte da população no campo, de acordo com a função agrícola de Saint-Domingue. Com isso, o passo seguinte seria o de equilibrar a abismal desproporção entre europeus e africanos na colônia. O principal recurso seria o incentivo à imigração branca vinda de todas as partes do mundo, tentando atingir a meta de limitar cada fazenda a um máximo de 25 negros para cada branco. Também se esperava, obviamente, o refreamento da mestiçagem por meio da proibição dos casamentos interracialis¹⁶⁸.

Com relação à segurança das propriedades, Baudry almejava uma maior militarização da vida colonial com o armamento geral dos colonos e o restabelecimento de milícias coloniais como as que existiram no século anterior durante a guerra dos sete anos. Já nas fazendas mais afastadas, a solução seria a criação de milícias particulares, se necessário com o apoio de soldados enviados pelo próprio governo. Mesmo nesse caso, eles poderiam ficar sob o comando direto dos próprios proprietários, caso tenham experiência militar e mostrem bravura. Com isso, os brancos estariam sempre preparados para forçar os negros de volta ao trabalho se necessário. Seria importante instituir também algum tipo de tradição militar voltada principalmente para a intimidação dos escravizados, como por exemplo práticas semanais de tiro ao alvo. Ainda ecoando os temores de um novo Mackandal, Baudry também defendia o estabelecimento temporário de uma lei análoga a uma existente na Roma antiga. Se porventura houvesse um envenenamento de um mestre sem nenhum suspeito aparente,

¹⁶⁶ Baudry des Lozières, 1802b, p. 169, 170, 214 e 278.

¹⁶⁷ Esta proposta, no entanto, entra em conflito com a defesa do próprio autor de uma refundação do antigo *Cercle des Philadelphes*.

¹⁶⁸ Baudry des Lozières, 1802b, p. 203, 205, 209, 280 e 281

todos os escravos daquela região poderiam ser responsabilizados coletivamente. O autor garantia, no entanto, que ela logo cairia em desuso com o retorno dos velhos hábitos¹⁶⁹.

Nota-se que a nova sociedade colonial envisionedada por Baudry tem um caráter bastante reacionário, revertendo processos normalmente associados com o progresso, como a urbanização e o florescimento da vida civil. Tais coisas deveriam manter-se exclusivas à metrópole, com a colônia devendo servir apenas à produção de *commodities*. Até mesmo o secularismo francês é desafiado neste cálculo. Mesmo não sendo ele próprio religioso, o autor considera que a religião é muito mais importante na colônia do que qualquer outro lugar, especialmente levando em conta que ali seria um ambiente de catequização e pacificação dos africanos *bossales*. Uma presença maior da Igreja corrigiria a negligência histórica de Paris com a religião nos trópicos, mas ainda seria importante limitar a interferência do clero em assuntos temporais¹⁷⁰.

Já está bastante claro que Baudry era favorável à restauração da escravidão, uma posição indiscutivelmente reacionária. No entanto, a forma como ele defende que a instituição deveria operar após sua renovação curiosamente é bem mais “progressista” que a posição escravocrata anterior à abolição. Isso demonstra que a Revolução Haitiana, mesmo que fosse derrotada, ainda seria capaz de forçar algumas concessões para os escravizados do império francês.

Primeiramente, seria necessário aperfeiçoar o chamado *Code Noir*¹⁷¹ para melhor recompensar os negros e mestiços que se mantiveram fiéis aos brancos e à França nos anos anteriores, tendo em vista que o apoio deles seguia imprescindível. Baudry reconhecia que o trabalho agrícola nos trópicos era extremamente fatigante, tornando necessário a implementação de um ciclo de descanso maior como exigido pelos revolucionários, pontuando-o com mais dias de festa cívicos e religiosos. Contrário ao que anteriormente era combatido com bastante fervor pelos escravocratas, o autor também propõe uma maior institucionalização da relação senhor-escravo por acreditar que só o Estado seria capaz de fiscalizar a utilização de castigos e tratamentos proibidos. Da mesma forma, um comissário do governo seria imbuído com a função de analisar a boa conduta dos escravizados e auxiliar os mais merecedores no processo de libertação, assim como com a devida indenização ao proprietário. Baudry também acreditava na necessidade de se implementar políticas próprias voltadas aos *affranchis*, embora não especifique no livro quais¹⁷².

¹⁶⁹ Baudry des Lozières, 1802b, p. 126 e 218.

¹⁷⁰ Id., p. 191.

¹⁷¹ Decreto real de 1685 que legislava sobre as condições da escravidão na França e em suas colônias.

¹⁷² Baudry des Lozières, 1802b, p. 194, 203, 212, 269 e 270.

Por fim, de longe o argumento mais longo do segundo fragmento foi sobre a necessidade de uma grande renegociação ou até mesmo o perdão das dívidas dos colonos. Muitos perderam tudo o que tinham e mesmo os mais sortudos ficaram vários anos com a produção agrícola interrompida. Esse tipo de medida já encontrava precedente em grandes desastres anteriores, como o terremoto de Lisboa em 1755. Não há aqui nenhuma intenção de alongar ainda mais o trabalho com a dissecação deste tópico de menor importância, mas um aspecto dele chama a atenção. Além de possivelmente atuar em interesse próprio, visto que também perdeu tudo com a revolução, Baudry pode ter ajudado a estabelecer os alicerces para o cálculo e a cobrança de uma indenização para todos os antigos proprietários de Saint-Domingue.

Nas décadas seguintes, esta se tornou uma importante demanda da classe a partir do momento em que ficou claro que a reconquista do Haiti seria impossível. E a França se manteve consistente na recusa de reconhecer diplomaticamente a independência haitiana enquanto a questão da indenização não fosse acordada. Frente à negativa constante dos líderes haitianos, Paris optou em 1825 por forçar um acordo com a ex-colônia sob a mira dos canhões de uma de suas esquadras, impondo assim uma dívida exorbitante de 150 milhões de francos que assolou o Haiti política e economicamente pelo restante do século XIX e início do XX¹⁷³. Não se sabe se Baudry esteve envolvido em alguma capacidade neste movimento depois de 1802.

¹⁷³ O tema foi desenvolvido com maior profundidade em minha dissertação de mestrado: SOUSA JUNIOR, Nelson Veras de. Entre soberanos negros e senhores de escravos: o processo de inserção internacional do Haiti e sua coexistência com os Estados Unidos de 1825 a 1850. 158 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou fazer uma conciliação entre a análise de uma das publicações mais importantes de Louis-Narcisse Baudry des Lozières com a montagem de uma curta biografia dele a partir do que as fontes permitem vislumbrar. *Les Égarements du Nigrophilisme*, afinal, é pontuado por diversos aspectos autobiográficos, sendo também a expressão de toda a frustração e ressentimento do autor depois do que viveu com as revoluções haitiana e francesa. Conhecer sua trajetória, portanto, se mostrou imprescindível para uma análise completa da obra. Baudry foi um homem apegado à ordem, hierarquias e categorizações, e a sociedade em Saint-Domingue se mostrou ideal para conformar tais tendências com o crescente enrijecimento das castas raciais na colônia na segunda metade do século XVIII.

Diversos vestígios sutis de seu pensamento em *Les Égarements* estão presentes em momentos como sua escolha por diferentes lemas e uniformes para cada segmento racial de sua falange. Submissão e coragem era o que se esperava dos negros sob seu comando sobretudo por ele acreditar que era tudo o que tinham a oferecer. Na mesma ótica, esperava-se dos mestiços o amor especificamente filial em oposição ao fraternal. Em razão de seu elemento genético africano, Baudry jamais os consideraria no mesmo nível que os brancos, relegando-os a um papel de filhos simbólicos dos europeus que necessitavam de seu cuidado paterno. Anos depois, em sua memória apresentada à *American Philosophical Society*, a sua ideia de colocar a serviço da economia uma espécie de inseto até então vista como uma praga não deixa de soar como uma analogia ao novo papel que ele atribui aos africanos depois da revolução haitiana.

Independentemente do sucesso de *Les Égarements* em propagar as ideias do autor, algo por si só bastante complexo de determinar, podemos afirmar que a versão mais ampla delas encontrou considerável eco na França e na Europa com o desenrolar dos eventos em Saint-Domingue. O esforço pessoal de Baudry pode não ter sido o mais bem sucedido, mas o movimento do qual fez parte sem dúvida saiu exitoso. Não na batalha militar, mas sim na ontológica, sendo capazes de dominar a narrativa em torno do negro e da revolução escravizada por muitas décadas. E os danos diretos que isso causou ao movimento abolicionista francês, antes uma força poderosa e influente, foram suficientes para manter demandas como a abolição da escravidão e do tráfico de escravos marginalizadas no debate político na França pelo menos até a década de 1820. A abolição definitiva veio apenas em 1848, mais de meio século depois da primeira tentativa em 1793.

A escassez de fontes e a dificuldade de acesso a algumas delas faz com que inúmeras perguntas acerca de Baudry e seu pensamento permaneçam sem resposta. Ainda assim, é seguro afirmar que sua vida e obra seguem oferecendo inúmeras oportunidades de pesquisa crítica sobre temas como Saint-Domingue, escravidão, colonialismo, raça, Revolução Francesa e Revolução Haitiana. Dado o escopo limitado deste trabalho, algumas fontes não tiveram espaço para serem incluídas nesta análise. Vale, no entanto, destacar rapidamente uma delas por sua relação próxima com a escravidão e o Haiti independente e pelo interesse que elas possam gerar a outros pesquisadores destas temáticas.

Baudry deixou uma enorme quantidade de manuscritos não publicados sobre diversos temas. Parte deles encontra-se compilada no departamento de manuscritos da Biblioteca Nacional da França sob o título de *Papiers de Louis-Narcisse Baudry des Lozières*, contendo, dentre várias outras, uma memória intitulada *Conversation Coloniale ou Quelques Unes de mes Idées sur les Colonies*. Ela não é datada, mas a partir de seu conteúdo pode-se presumir que foi escrita pelo menos antes de 1818 por ainda discutir os termos de um possível retorno do Haiti ao império colonial francês e citar o presidente haitiano Alexandre Pétion (que governou o sul do Haiti de 1807 a 1818) como parte integral deste processo. Considerando qualquer ausência de menção sobre Henri Christophe (que governou o norte do Haiti de 1807 a 1820, convertendo seu governo em uma monarquia em 1811) como rei, é provável que a memória seja anterior a 1811.

O que mais chama a atenção nesta memória é o fato de que Baudry declara ter mudado de ideia com relação à posição que sustentou anteriormente sobre escravidão. Mesmo com essa mudança, ele ainda se considerava certo no contexto de 1802, admitindo apenas que no contexto do dito manuscrito a escravidão já não era o melhor sistema à disposição, mas sim o que ele chama de “liberdade laboriosa”. Suas características curiosamente em muito se assemelham com os sistemas trabalhistas desenvolvidos primeiro pelo comissário civil Léger-Félicité Sonthonax e depois pela constituição colonial proclamada por Toussaint Louverture.

A opinião do autor sobre o caráter benéfico do tráfico de escravos não muda, mas neste ponto ele já considera a possibilidade do negro eventualmente se tornar um cidadão livre, esclarecido e moral nas Américas. Baudry também sustenta não haver diferenças entre negros malvados, ignorantes e sem instrução e brancos nesta mesma condição. Declarações como estas podem mascarar uma mudança significativa em seu pensamento racial, mas mesmo em sua intenção de mudar ele ainda expressa conceitos firmemente fincados em sua lógica anterior. Por exemplo, sua insistência na hierarquia entre os criolos e os *bossales*

puramente baseada em seu nível de contato com o europeu e assimilação de sua cultura. Ou então sua defesa de que a cor da pele não representa nenhum indicativo de caráter, mas sob o argumento de que, caso fosse possível olhar o interior de um homem, encontraríamos dentro de muitos negros a mais pura brancura, ao passo que muitos brancos carregariam dentro de si o negrume mais detestável. É difícil dizer se ele percebe a ironia desta argumentação mesmo que pretendesse defender a decência de pessoas negras como Chérubin e os Lafleur.

Outro ponto de interesse são suas considerações sobre as negociações diplomáticas em curso com os dois líderes haitianos¹⁷⁴. Baudry ainda trata Pétion e Christophe de uma maneira bastante condescendente e infantilizada, afirmando que devem ser bajulados e impressionados com ofertas de plena cidadania francesa e manutenção de suas riquezas e patentes. Ele ainda considerava uma generosidade considerar que houvesse algum tipo de Estado no Haiti, mas de qualquer maneira elogia o bom trabalho do país e de seus líderes em preservar as propriedades e a ordem pública. A devolução das fazendas a seus antigos donos, juntamente com a indenização deles pelo tempo de ausência dos proprietários, ainda eram demandas importantes para Baudry.

Tudo isso apenas reforça a grande complexidade em torno de um personagem histórico como Baudry. Suas ações nem sempre fazem sentido e suas ideias frequentemente se mostram contraditórias, mas o reconhecimento crítico de ambas ainda se mostra importante para aqueles que pesquisam os séculos XVIII e XIX com foco na França, em Saint-Domingue ou no Haiti. Ainda existem inúmeros personagens de ascendência africana que mereçam tanta ou mais atenção do que ele e as pesquisas nesta direção absolutamente devem ser encorajadas. O estudo da vida e obra de Baudry des Lozières, por sua vez, não deixa de nos ajudar a entender melhor as bases para o silenciamento que se construiu em torno destes e as técnicas utilizadas para tal.

¹⁷⁴ Baudry sugere ter conhecido ambos pessoalmente, com o encontro com Christophe tendo ocorrido na fazenda Breda, onde Toussaint Louverture (anteriormente conhecido como Toussaint Breda) trabalhou e viveu como escravizado. Ela posteriormente foi convertida em quartel general para suas forças.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

ANNUAIRE DES COLONIES FRANÇAISES pour l'an IX, par l'historiographe de la Marine et des Colonies in *Annuaire de la marine et des colonies*. Paris: Imprimerie de la République, 1801. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1700229>> Acesso em: 14 sep. 2022.

BAJOT; POIRRÉ. *Annales Maritimes et Coloniales (...) Partie Non Officielle, Tome II*. Paris: Imprimerie Royale, 1841.

BAUDRY DES LOZIÈRES, Louis-Narcisse. A Memoir on Animal Cotton, or the Insect Fly-Carrier. *Transactions of the American Philosophical Society*. Vol. 5, pp. 150-159, 1802a. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1004987>> Acesso em: 14 sep. 2022.

_____. *Les Égaremens du Nigrophilisme*. Paris: Migneret, 1802b.

Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5790469j?rk=21459;2>> Acesso em: 14 sep. 2022.

_____. *Second Voyage à la Louisiane, faisant suite au premier de l'auteur, de 1794 a 1798*. Paris: Charles, imprimeur, 1803. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1096821?rk=21459;2>> Acesso em: 14 sep. 2022.

_____. *Voyage à la Louisiane, et sur le continent de l'Amérique Septentrionale, fait dans les années 1794 a 1798*. Paris: Dentu, imprimeur-libraire, 1802c.

Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1094879?rk=21459;2>> Acesso em: 14 sep. 2022.

CHASTENET D'ESTERRE, Gabriel. *Précis Historique sur le Régiment de Crête, Dragons; suivi d'une notice sur la vie militaire, politique et privée de M. Baudry-Deslozières, Colonel-Inspecteur dudit Régiment*. 3 ed. Toulouse: Benichet frères, 1804. Disponível em: <<https://archive.org/details/prcishistoriques00chas/mode/2up>> Acesso em: 14 sep. 2022.

COMPTÉS GÉNÉRAUX présentés par le Ministre Secrétaire d'État de la Guerre pour l'Exercice 1832. Paris: Imprimerie Royale, 1834. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57310106>> Acesso em: 14 sep. 2022.

COUP D'OEIL sur la conduite patriotique et militaire de la Phalange de Crête-Dragons, créé le 1^{er} août 1790 et sanctionné le 16 du même mois. Porto Príncipe: Imprimerie de Mozard,

1790. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9809114x/f179>> Acesso em: 14 sep. 2022.

DÉCÈS ET INHUMATIONS. Le Temps n° 478, Paris, 16 de agosto de 1862. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k221260t>> Acesso em: 14 sep. 2022.

DE COURCELLES, Jean-Baptiste Pierre. *Dictionnaire Universelle de la Noblesse de France - Tome Troisième, A-M*. Paris, Bureau Général de la Noblesse de France, 1821.

MOREAU DE SAINT-MÉRY, Méderic Louis Élie. *Mémoire Justificatif*. Paris: Baudouin, imprimeur de l'Assemblée Nationale, 1790. Disponível em: <<https://archive.org/details/mmoirejustificat00more/mode/2up>> Acesso em: 14 sep. 2022.

PAPIERS DE LOUIS-NARCISSE BAUDRY DES LOZIÈRES (1751-1841). XVIIIe et XIXe siècles. II Mémoires et pièces historiques sur les colonies françaises. [s.l.: s.n.], [18--]. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b525020666>> Acesso em: 14 sep. 2022.

VASTEY, Baron de. *Le Système Colonial Dévoilé*. Cap-Henry: P. Roux, imprimeur du roi, 1814. Disponível em:

<<https://archive.org/details/lesystemecolonia00vast/page/n3/mode/2up?ref=ol>> Acesso em: 14 sep. 2022.

Livros e Artigos

BIANCARDINI, Baptiste. L'opinion coloniale et la question de la relance de Saint-Domingue 1795-1802. *Annales Historiques de la Révolution Française*. Vol. 382, No. 4, pp. 63-80, 2015.

CARVALHO, Daniel Gomes de. *Revolução Francesa*. São Paulo: 2022, Editora Contexto.

DARNTON, Robert. *O diabo na água benta. Ou a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DEPRÉAUX, Albert. *Le Commandant Baudry des Lozières et la Phalange de Crête-Dragons (Saint Domingue, 1789-1792)* In: SOCIÉTÉ DE L'HISTOIRE DE LES COLONIES FRANÇAISES, *Revue de L'Histoire des Colonies Françaises*. Paris: Éditions Leroux, 1924.

DUBOIS, Laurent. *Avengers of the New World: the story of the Haitian Revolution*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2004.

GEGGUS, David Patrick. *Haitian Revolutionary Studies*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2002.

HESSE, Carla. *Publishing and Cultural Politics in Revolutionary Paris, 1789-1810*. Los Angeles: University of California Press, 1991.

- IANNINI, Christopher P. *Fatal Revolutions: Natural History, West Indian Slavery, and the Routes of American Literature*. Williamsburg: University of North Carolina Press, 2012.
- JOHNSON, Erica R. *Philanthropy and Race in the Haitian Revolution*. Cambridge: Palgrave Macmillan, 2018.
- JOHNSON, Sara E. Moreau de Saint-Méry: Itinerant Bibliophile. *Library & Information History*. Vol. 31, No. 3, pp. 171-197, 2015.
- _____. “Your mother gave birth to a pig”: Power, Abuse, and Planter Linguistics in Baudry des Lozière's *Vocabulaire Congo*. *Early American Studies: An Interdisciplinary Journal*. Vol. 16, No. 1, pp. 7-40, 2018.
- KNIGHT, Franklin W. The Haitian Revolution. *The American Historical Review*, vol. 105, no. 1, pp. 103–115, 2000.
- LIÉBART, Déborah. Un groupe de pression contre-révolutionnaire: le Club Massiac sous la Constituante. *Annales Historiques de la Révolution Française*. Vol. 354, No. 4, pp. 29-50, 2008.
- MCCLELLAN III, James E. *Colonialism & Science: Saint Domingue and the old regime*. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.
- REGOURD, François. Lumières coloniales. Les Antilles françaises dans la république des lettres. *Dix-huitième Siècle*. Vol. 1, No. 33, pp. 183-200, 2001.
- REY, Terry. *The Priest and the Prophetess: Abbé Ouviaère, Romaine Rivière, and the revolutionary Atlantic world*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- SERNA, Pierre. *Como animales: Historia política de los animales durante la Revolución Francesa (1750-1840)*. Saragoça: Prensa de la Universidad de Zaragoza, 2019.
- SWEET, James. Research Note: New perspectives on Kongo in Revolutionary Haiti. *The Americas*. Vol. 74, No. 1, pp. 83-97, 2017.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press, 1995.